

# REVISTA **Bzzz**

ANO 3 | Nº 27 | SETEMBRO DE 2015 | R\$ 12,00



## AÍDA CORTEZ

A primeira-dama inspirada em Evita Péron que abalou a política potiguar

---

## BAIRRISMO

Rixa entre moradores da Ribeira e Cidade Alta iniciou disputa de classes sociais em Natal

---

## MIRANTE

Bar e restaurante na Ladeira do Sol movimentaram o society nas décadas de 30 e 70

# LUXO A PREÇO DE CUSTO

**OS EMPRESÁRIOS PAIVA TORRES E SHIN HAN INVESTEM NO SISTEMA DE CONDOMÍNIOS FECHADOS EM NATAL, QUE POSSIBILITAM PERSONALIZAÇÃO, LUXO E LUCRO PARA OS FUTUROS MORADORES**

## REVELAÇÃO

População indígena do RN reaparece e contraria informações sobre extinção

## ALECRIM

Curiosidades, alto e baixos do centenário e populoso bairro da capital

## DEPRESSÃO

Falta de informações e tratamento agravam a doença mais incapacitante da atualidade

# NATAL ACABA DE GANHAR SEU MAIS NOVO HOLIDAY INN.

HOTEL EXECUTIVO DE PADRÃO INTERNACIONAL  
COM UM CENTRO DE EVENTOS INOVADOR.



- Apartamentos novos, completos e confortáveis • Restaurante aberto ao público • Estacionamento • Academia
- Piscina • Brinquedoteca • Centro de Eventos moderno e flexível, com capacidade para até 2.400 pessoas.



## Holiday Inn® Natal

Av. Sen. Salgado Filho, 1906 - Lagoa Nova | Natal-RN, 59075-000

T: (84) 3344 7333 | 0800 118 778

facebook.com/holidaynatal | twitter: @holidaynatal

www.holidaynatal.com.br/lagoa-nova | www.holidayinn.com/natalbrasil



Holiday Inn

  
Holiday Inn

Localização estratégica

  
Holiday Inn  
NATAL



**EU**   
**FAZER BONS**  
**NEGÓCIOS**



**INCENTIVADO PELO SEBRAE,  
O MOVIMENTO COMPRE DO PEQUENO NEGÓCIO  
É UMA AÇÃO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS  
BRASILEIRAS. NO RN, ELE SERÁ REPRESENTADO  
POR TRÊS PROJETOS:**

> **Visão de Futuro:** Palestras sobre métodos de gestão com Waldez Ludwig e Ângela Hirata.



- **Data:** 05 de outubro.
- **Horário:** 19h30.
- **Local:** Teatro Riachuelo,  
Vendas exclusivas na bilheteria.

> **Semana de Negociação:** Uma ação que se concentra em duas frentes.

Primeiro, servir de capacitação para a melhoria da gestão financeira dos pequenos empresários. Segundo, ser palco de renegociações de dívidas com os agentes financeiros para empresas que se encontram em dificuldade.

- **Capacitação:** de 21 de setembro a 02 de outubro.
- **Inscrições para as rodadas de negociações:** até 25 de setembro.
- **Inscrições gratuitas:** (84) 3616.7900

> **Feira do Pequeno Negócio:** Um evento que visa capacitar e orientar o MEI, assim como oferecer um espaço de comercialização para negociantes do RN que não possuem ponto fixo. Além de palestras e oficinas, o visitante contará com praça de alimentação, espaço criança, e espaços para a venda de livros, artesanato, utensílios de moda e muito mais.

- **Local:** Arena das Dunas.
- **Período:** de 01 a 04 de outubro.



#COMPREDOPEQUENO  
WWW.COMPREDOPEQUENO.COM.BR



Serviço de Apoio às Micro e Pequenas  
Empresas do Rio Grande do Norte

www.rn.sebrae.com.br



0800 . 570 . 0800

# UMA EM CADA TRÊS PESSOAS **JAMAIS** ADOTARIA PEDRINHO.

---

MAS VOCÊ PODE FAZER DIFERENTE.  
ADOTE COM AMOR. NÃO ESCOLHA.

É fato: um em cada três brasileiros que desejam adotar exige que a criança seja branca. O preconceito de cor, de gênero e de idade acaba por gerar uma situação inusitada: a fila da adoção continua, mesmo existindo, em todo o Brasil, um número 5 vezes maior de pessoas querendo adotar do que de crianças esperando pela adoção. O processo só demora porque as pessoas fazem muitas exigências, quando deveriam encarar a adoção como um simples gesto de amor. Ajude a quebrar esse preconceito e a dar uma família e um lar a crianças como Pedrinho. Quem adota não escolhe: é escolhido.

---

♥ [www.amornaoseescolhe.com.br](http://www.amornaoseescolhe.com.br) ♥

---



ADOÇÃO:  
*Amor*  
não se  
*escolhe*



Rio Grande do Norte  
Assembleia Legislativa

# HISTÓRIAS E CURIOSIDADES

Caprichamos em história nesta edição de setembro. Pesquisas de tempos marcantes, alguns reverberados em ardores do descaso da atualidade, como o Alecrim, um dos bairros mais populares e antigos da capital banhada pelo Rio Potengi. Responsável por manter Natal como capital do Rio Grande do Norte, em função da intensa atividade comercial, hoje sofre com problemas estruturais e abandono pelo poder público. Mas, guarda boas memórias e resiste aos atropelos com um grandioso comércio e gastronomia do tipo BB – Boa e Barata.

Você sabia que existem índios no RN? Desde estudos feitos por Câmara Cascudo que eles são considerados extintos, mas a população indígena do estado começou a se manifestar e lutar por reconhecimento e direitos. Detalhes na matéria de Luíza Tavares. Muito bacana o resgate de dois lugares na Ladeira do Sol que reuniam poder e glamour nas décadas de 30 e 70. Primeiro foi o Bar das Sombrinhas, do qual se tem pouquíssimo conhecimento; o outro foi o fechadíssimo Mirante Praia Clube, construído no governo de Cortez Pereira e que gerou polêmicas.

Contamos também a história da rixa entre moradores da Cidade Alta e Ribeira, no século 19. Eram os xarias e canguleiros, que protagonizaram brigas com o grito de guerra, a partir das 18h: Xaria não desce! Canguleiro não sobe!(...) E entraram para a história do folclore natalense. De personalidade, Thiago Cavalcanti conseguiu convencer a ex-primeira-dama Aída Cortez a conceder entrevista para a Bzzz. Figura polêmica, interferiu em todas as áreas do governo do marido Cortez Pereira, inspirada em Evita Perón. Viveu os altos de baixos do poder e presenciou a solidão de um dos maiores políticos do RN. Vale cada trecho da matéria.

Manchete de capa: os investimentos de alto luxo em Natal a preço de custo, capitaneados pelos empresários Shin Han e José de Paiva Torres. São os condomínios fechados, bancados pelos futuros moradores. Os dois novos empreendimentos - em obras - têm uma das mais belas vistas da orla urbana da cidade. Na sua coluna, o arquiteto Wellington Fernandes mostra o mais novo hotel da capital, erguido, imponente, na área que começa a se destacar como centro de negócios, lazer e praticidade: entorno da Arena das Dunas. É o Holiday Inn.

Da Inglaterra, Juliana Holanda traz as curiosidades e os encantos da cidade histórica de águas termais e eleita para filmes de época: Bath. Da Colômbia, Octávio Santiago traz as belezas e os sabores da capital Bogotá e da cobiçada Cartagena. Em gastronomia, Janaína Amaral dá as dicas sobre chef em casa. De Curitiba, Alice Lima produziu matéria sobre a doença mais incapacitante da atualidade: depressão. De moda, Larissa Soares detalha sobre a estilista potiguar presença cativa nos badalados desfiles de moda em Milão: Juraci Lira. Mais: festas que abalaram Natal, Brasília e São Paulo, onde Chiquinho Scarpa abriu os salões da sua mansão para noite de autógrafos. Além do Túnel do Tempo, que resgata uma das glamorosas festas de Chrystian de Sabóya. Também: bastidores políticos, colunas de turismo e cultura e diversão. Boa leitura!

*Eliana Lima*

**EXPEDIENTE**



**PUBLICAÇÃO:**  
**JEL COMUNICAÇÃO**

**SITE DA REVISTA**  
**ATUALIZAÇÃO DIÁRIA E BLOGS**  
[portaldaaabelhinha.com.br](http://portaldaaabelhinha.com.br)

**E-MAIL**  
[revistabzzz@portaldaaabelhinha.com.br](mailto:revistabzzz@portaldaaabelhinha.com.br)

**EDITORA**  
ELIANA LIMA  
[elianalima@portaldaaabelhinha.com.br](mailto:elianalima@portaldaaabelhinha.com.br)

**EDITORA ASSISTENTE**  
ANDREA LUIZA TAVARES

**PROJ. E DIAGRAMAÇÃO**  
TERCEIRIZE EDITORA  
[www.terceirize.com](http://www.terceirize.com)

**COMERCIAL**  
EDILÚCIA DANTAS  
(84) 9996 5859

**COLABORARAM COM ESTA EDIÇÃO**  
ADRIANA BRASIL, ALICE LIMA, ANDRÉA  
LUIZA TAVARES, JANAÍNA AMARAL, JULIANA  
HOLANDA, LARISSA SOARES, LOUISE AGUIAR,  
MARINA GADELHA, OCTÁVIO SANTIAGO,  
ROBERTO CAMPELLO, THIAGO CAVALCANTI,  
WELLINGTON FERNANDES

**FOTO DA CAPA**  
SUELI NOMIZO

**FOTOS**  
ANDRÉA LUIZA TAVARES, JOÃO NETO, PAULO  
LIMA

**GRÁFICA**  
UNIGRÁFICA

**TIRAGEM**  
6.000 EXEMPLARES

1980

# NOSSA MELHOR HISTÓRIA É A SUA.

1990

2000

2010

2015

BERÇÁRIO, EDUCAÇÃO INFANTIL E  
FUNDAMENTAL I COM TEMPO INTEGRAL

ENSINO FUNDAMENTAL I COM BILÍNGUE E  
PROGRAMA "O LÍDER EM MIM"

ENSINO FUNDAMENTAL II E ENSINO MÉDIO  
VOLTADO PARA OS MELHORES RESULTADOS  
COM SISTEMA ANGLO DE ENSINO

TERCEIRÃO E FOCO NO ENEM

LAGOA NOVA E CIDADE VERDE  
**3206.3930**  
contemporaneo.com.br



kiki.com.br



## 56

### Colômbia

Cores, sabores e encantos  
da cidade sinestésica



#### MODA

### 60 Juraci Lira

A estilista tem cadeira cativa nos  
desfiles de Milão

#### TURISMO

### 74 Bath

Cidade histórica e cenário  
hollywoodiano

#### ARQUITETURA

### 80 Luxo hoteleiro

Natal ganha Holiday Inn  
em localização privilegiada

## O Transporte de Passageiros do Nordeste passa por aqui. Há 40 anos.

A Federação das Empresas de Transporte de Passageiros do Nordeste escreve sua história trabalhando, todos os dias, em defesa de um transporte público de qualidade, serviço essencial para melhoria da mobilidade nas cidades.

Representamos mais de 100 empresas que geram mais de 20 mil empregos diretos e transportam mais de 3 milhões de pessoas por dia, no Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas.

Ao chegar aos 40 anos de vida, renovamos nossa esperança no futuro e na vida que segue em frente. E a gente segue junto, transportando gente.





## A MELHOR REFERÊNCIA *quando você mais precisa.*

Saúde em todos os aspectos. Assim é o hospital com a melhor estrutura hospitalar do Norte-Nordeste, 27 especialidades médicas e o único da rede privada com duas hemodinâmicas. Além de tudo isso, você conta com o Check-up Executivo, que realiza uma bateria de exames em apenas um expediente e faz uma avaliação geral da sua saúde. Se um dia precisar, fique tranquilo: o Hospital do Coração é referência.

- Equipe médica completa
- Transplantes de órgãos
- Check-up Executivo

(84) 4009-2000

[hospitaldocoracao.com.br](http://hospitaldocoracao.com.br)

 **HOSPITAL  
DO CORAÇÃO**  
Especializado em você.





# ELIANA LIMA

## TRUQUE

Muitos se perguntam por que Chico Buarque não sai constantemente nas páginas, já que costuma caminhar no calçadão carioca. Pois bem, quem o conhece sabe o truque dele para despistar: costuma repetir roupas e cores. Assim, a repetência não voga nas páginas de revistas. Ou seja: pode-se achar que é a mesma foto.



## PRO ABRAÇO

E no último dia 14, Chico Buarque reuniu os amigos e a turma dos movimentos sociais para uma pelada no seu campo de futebol privado, Politheama, no Recreio, Rio. No final da partida, direito a churrasco, cerveja, uísque e mais. Ele não dispensou o chapéu do MST. O time adversário usava colete vermelho com o símbolo sem-terra. As fotos são exclusivas do portal da Revista Bzzz: [portaldabelhinha.com.br](http://portaldabelhinha.com.br)

## O DICIONÁRIO

O novo ministro do Superior Tribunal de Justiça (STJ), que toma posse no dia 30 de setembro, Marcelo Navarro Ribeiro Dantas, é considerado um dos mais cultos e sensatos magistrados da Justiça Federal. Quem tem alguma dúvida, seja entre pares, amigos, alunos e familiares – jornalistas, inclusive –, é recorrer a ele que a resposta não demora. Se não tem plena certeza, pesquisa minuciosamente. Só sossega quando responde em pormenores.

## VESTE

Um dos muitos exemplos aconteceu em março de 2009, durante a posse de Luiz Alberto Gurgel de Faria na presidência do Tribunal Regional Federal da 5ª Região (TRF5), hoje ministro do STJ, e Marcelo Navarro na vice-presidência. No discurso da desembargadora Margarida Cantarelli, que apresentou um breve perfil dos empossados, ela disse



que Marcelo era o Google da Corte. Quem quisesse uma informação rápida e precisa, recorria ao colega.

## TOGA

Formalidades de lado, a desembargadora disse que enquanto os meninos da idade de Marcelo Navarro brincavam de bola, ele lia a Enciclopédia Barsa. E provocou risadas entre os presentes ao relatar que Marcelo era conhecido como “pirralho gorducho, vermelho e brancão” e por ser “ruim de futebol”. E assim é o novo ministro: inteligente à toda prova, culto com conhecimento que vai da idade da pedra aos dias virtuais; sensato, amigo, humano, justo, correto. É conhecido também por honrar a toga brasileira.

## EM TEMPO

E não é bajulação de colunista, não. Até porque a Abelhinha não tem esse perfil. É porque são fatos. É só perguntar na área. E a partir do dia 30 os jornalistas da corte terão também a oportunidade de conferir.

## MAIS

O senador José Agripino (DEM-RN) definiu em breves palavras sobre MN: “É uma figura afável, aberta aos contatos, mas, entre receber todas as pessoas e ser alguém que atende a tudo que lhe pedem há uma distância grande. Há algo que se comenta no meu estado sobre Navarro: que ele recebe todos, examina os pedidos, mas, entre o pedido e seu acolhimento, ele coloca uma longa lista de livros. Ou seja, é um legalista”.



## DUREZA

O blog da deputada federal Renata Abreu (PTN-SP) ganhou um apelido entre seus pares. À boca pequena, chamam de “blog ferra deputado”. Para aqueles desatentos, Renata possui um diário virtual onde conta toda a sua rotina na capital do País.

## POR TINTIM

E no dia da votação da PEC 433, que trata da carreira dos funcionários da Advocacia Geral da União, existia uma emenda para beneficiar também os auditores fiscais. Emenda que a AGU foi contra. Pois bem, os escaninhos da votação não passaram despercebidos pelo blog da parlamentar.

## MAAASSS...

A deputada segue a linha que conta o milagre, mas não o nome do santo. Eis um trecho do post da Renata Abreu: “No final, não passou a emenda dos auditores e eles começaram a gritar nas galerias: “A Receita vai parar, a Receita vai parar”. Aí, um deputado, para descontrair um pouco após tamanha pressão em plenário, brincou: “Ainda bem, porque se eles trabalhassem eu estava frito” (risos). Ele, claro, votou contra. ãh-rã...

## RELAÇÃO

Ainda estão na Agência Brasileira de Inteligência, a Abin, os nomes dos potiguares indicados para ocupar cargos de chefias em representações federais no segundo mandato Dilma Rousseff. Renova-se a bancada e os apadrinhados. Resta saber se as “análises” ficam prontas antes de o impeachment – ou a renúncia – chegar, se assim for.

## TESOURA

Cortes, cortes e mais cortes. Essa continua sendo a rotina em Brasília. A última tesourada do governo federal atingiu a cota dos parlamentares de primeira legislatura. Cota essa que funciona como um “aperitivo” das emendas parlamentares para os deputados federais novatos. O corte para eles foi de cruéis 50%.

## DEDILHO

Enquanto no Rio Grande do Norte a disputa pela paternidade do hub da Latam só dificulta os planos do elefante de recebê-lo, o Ceará dá o exemplo que pode fazer a diferença: adversários históricos, o ex-ministro da Educação Cid Gomes (PDT) e o senador Tarso Jereissati (PSDB) foram juntinhos visitar a presidência da companhia, em São Paulo. É.

## SONORO

O mesmo vem fazendo os pernambucanos. Adversários históricos hoje se abraçam e falam a mesma língua na defesa pelo hub.

## PENSANDO BEM...

Bem que o Rio Grande do Norte poderia correr pelo apoio da vizinha Paraíba para somar forças pelo hub. Afinal, pela proximidade, o centro de conexões de voos em solo de potis-torcedores também seria economicamente interessante para os paraibanos. Assim também seria para o vizinho Pernambuco.



Cominidé Soares

Foto: Edvanilson Lima



# ALECRIM

Três séculos de histórias e estórias. Relatos comprovam que desde o século 17 já havia atividade na região que inicialmente ficou conhecida como Nau do Refoles, Alto de Santa Cruz e Cais do Sertão

**Por Roberto Campello**



## ÀS VÉSPERAS DE COMPLETAR

114 anos de existência oficial, o tradicional bairro do Alecrim, localizado na zona Leste de Natal, resiste em meio a modernização, tentando guardar um pouco de sua história, cultura, gastronomia, tradição e peculiaridades. O bairro, que já foi responsável, no século 19, por manter Natal como capital do Rio Grande do Norte, em função da intensa atividade comercial, hoje sofre com problemas estruturais e abandono pelo poder público, reclamam comerciantes e moradores. Com dois padroeiros – São Pedro e São Sebastião – para abençoar, o bairro, que surgiu de casas erguidas na Praça Pedro II, tem um comércio forte, que resiste aos shoppings. Lugar por onde passam, diariamente, cerca de 150 mil pessoas.

O professor João da Mata, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), explica que o Alecrim existe há pelo menos três séculos, embora pelo decreto - datado de 23 de outubro de 1911 – seja um bairro centenário. Ele conta que a “certidão de nascimento” do Alecrim, na verdade, é de 4 de agosto de 1677, quando a região era conhecida como Nau do Refoles, um terreno localizado na marginal do Rio Potengi.

O bairro já foi chamado de Refoles, Alto de Santa Cruz e Cais do Sertão. Segundo o folclorista e historiador Luiz da Câmara Cascudo, a origem do nome Alecrim se deve ao ato solidário de uma senhora que morava em um casebre, nas imediações onde hoje se encontra a Igreja São Pedro, e ofertava a todos os cortejos fúnebres que passavam em frente à sua casa ra-

mos de Alecrim, arbusto abundante na região. A inauguração do Cemitério Público do Alecrim, em 1856 (embora os registros de 1652), se tornou um dos marcos da ocupação das terras que deram origem a um dos bairros mais populosos de Natal. No entanto, além do cemitério, o Alecrim recebeu alguns equipamentos que o tornou não tão agradável para moradia, como o Hospital da Caridade de Natal e o Lazareto da Piedade, conhecido como Hospital dos Loucos. “Existia até a década de 1960 certa discriminação e preconceito com o bairro”, conta o empresário Francisco Denerval Sá.

No Cemitério do Alecrim estão sepultados os entes das famílias tradicionais da capital potiguar, além de personalidades como o ex-prefeito de Natal Djalma Maranhão, o folclorista Luiz da Câmara Cascudo e o ex-presidente Café Filho. “Quase todas as famílias de Natal tem algum vínculo com o Alecrim, seja pelo comércio, seja pelo cemitério”, informa Denerval.

Em meados do século 19, historiadores contam que cogitou-se a possibilidade de a capital do Rio Grande do Norte ser transferida para a cidade de Macaíba, que à época era o maior centro comercial do Estado, em função da sua privilegiada posição geográfica. “O Alecrim surge, nesse contexto, como salvador para garantir que Natal continuasse sendo a capital do estado”, conta o professor João da Mata.

Naquele momento, descobriu-se uma região no Rio Potengi, onde seria o porto, que passou a se chamar Cais do Sertão. “O Alecrim passou a receber o abastecimento de Natal e se



O Cemitério do Alecrim resguarda tradicionais e personalidades potiguares



Prefeito Djalma Maranhão e o escritor Câmara Cascudo



Arquitetura original da Igreja São Pedro



Ponto de encontro durante a 2ª guerra, na praça Gentil Ferreira

fortalecia comercialmente. Teve um papel importante, pois, além de um elo de passagem, o bairro passou a ser um pouso. O local onde hoje é a Praça Gentil Ferreira era o ponto de encontro. O Alecrim transformou-se em um importante centro comercial do estado, fato que antecede, inclusive, à criação do bairro”, destaca o empresário Denerval Sá.

Importantes equipamentos foram instalados no bairro no início do século 20, como o Grupo Escolar Frei Miguelinho (1913), Igreja São Pedro (1919), Hospital Policlínica do Alecrim (1934), Colégio Nossa Senhora das Neves (1935), Base Naval (1941), além do Relógio do Alecrim (1965), localizado na Praça Gentil Ferreira e palco de grandes eventos populares,

artísticos, religiosos e os grandes comícios políticos.

O cordelista Nando Poeta descreve como “Alecrim de um a doze”, em alusão às ruas do bairro que eram identificadas por número. “Na 1, a Feira do Alecrim, Na 2, o Relógio da Gentil Ferreira, na 3, um jogo de Dama e Xadrez, na 4, no Vuco Vuco nada se vai ao mato. Na 5, um parquinho pequeno onde corro e brinco e na 6 um mercado novo que não arrebanha o povo. Na 7, pra tribo de índio se joga confete”. A presença dos norte-americanos em Natal, durante a Segunda Guerra Mundial, em meados dos anos de 1940, teria definido as ruas do bairro em números, no entanto, antes mesmo de o bairro ser criado, documentos da intendência

municipal já se referiam às ruas do Alecrim por números.

Denerval Sá lembra que o arquiteto greco-italiano Giacomo Palumbo foi designado para cuidar do trabalho de expansão da cidade e fez um esquadramento da cidade, partindo da Praça Pedro Velho (Praça Cívica) até os extremos de Parnamirim. Todas as avenidas são em linha retas, largas, com mais de 20 metros de largura, contemplando quadras de mais de dez mil metros quadrados. O perfil do bairro começou a ser delineado na administração do prefeito Omar O’Grady, a partir de 1929.

Da Avenida 1 até a Avenida 12 houve a associação da numeração com o nome de personagens históricos, intercalados com nomes de tri-



Praça Gentil Ferreira na década de 70



Feira do Alecrim é referência há mais de um século



Time tradicional que teve presenças de Café Filho e Garrincha



Francisco Denerval, presidente da AEBA

bos. Durante as décadas de 30 e 40, essas ruas receberam denominações em homenagens aos presidentes da província (Presidente Quaresma, Presidente Bandeira, Presidente José Bento, Presidente Sarmento) e tribos indígenas (Canindés, Caicós, Pajeús, Paianazes, Paiatis).

As lojas de luxo, inicialmente, se concentravam no centro da cidade e o Alecrim surge com um comércio mais popular, ate porque concentrava uma demanda de pessoas de poder aquisitivo menor. Uma pesquisa realizada pela Associação dos Empresários do Bairro do Alecrim (AEBA), quando questionada sobre o que encontram no comércio do Alecrim, 94% das pessoas responderam que encontram de tudo. “Somos um bair-

ro completo, com um comércio muito dinâmico. Se tirarmos o comércio do Alecrim, o bairro perde as suas características”, afirma o empresário e presidente da AEBA, Francisco Denerval Sá.

Ele lembra que morou no bairro e pode acompanhar as mudanças no comércio. De início trabalhava na loja do pai, onde hoje é dono e lembra que até os anos 60 o entorno do Mercado Público do Alecrim foi o responsável por proporcionar o grande fluxo de pessoas na época. “As primeiras pensões eram aqui. A Pensão Caiana, na Gentil Ferreira, por exemplo, recebia o pessoal que vinha do interior para fazer comércio no mercado. Eram caminhões de frutas, verduras, animais, e paravam lá para

descarregar no mercado”, recorda.

A Feira do Alecrim também foi uma das responsáveis pela propulsão do comércio na região. Ate a década de 80, era tida como a terceira maior feira do Nordeste, ficando atrás apenas da feira de Caruaru, em Pernambuco, e de Campina Grande, na Paraíba. Hoje a feira funciona todos os sábados e oferece uma vasta variedade de produtos comercializados.

Outro grande símbolo do bairro é o Alecrim Futebol Clube, que este ano completou cem anos e teve como um dos ilustres fundadores o ex-presidente da República Café Filho, além do famoso jogador Mané Garrincha, que vestiu a camisa do alviverde, em 1968, numa partida realizada no Estádio Juvenal Lamartine.

## APOGEU CULTURAL

Com a instalação da Base Naval no Alecrim, em 1941, o bairro passou por uma aceleração no seu processo de urbanização. Diversas pessoas vindas do sertão potiguar e de outras regiões migraram para o Alecrim visando negócios na capital. Com o crescimento populacional, o bairro conhece o seu apogeu em termos culturais com a instalação de cinco salas de cinema: São Luís, São Pedro, São Sebastião, Paroquial e Olde. O Cine São Pedro, por sinal, foi onde o rei Roberto Carlos fez a primeira apresentação em Natal, em 1964.

“Além de comercialmente, culturalmente o Alecrim foi um dos bairros mais desenvolvidos de Natal”, considera Denerval Sá. Também contava com dois teatros, o Sandoval Wanderley e o Jesiel Figueiredo. Em entretenimento, o Alecrim Clube e o bar Quintandinha, na Praça Gentil Ferreira, que era um dos principais pontos de encontros de boêmios durante a II Guerra Mundial. O bairro também era conhecido pelas tradicionais tribos de índios – Guaranis e Potiguares – e as escolas de samba – Asa Branca e Imperatriz Alecrinense. O desfile de carnaval das escolas de samba de Natal, inclusive, que hoje é realizado na Avenida Duque de Caxias, na Ribeira, no passado era realizado na Avenida Presidente Bandeira (antiga Avenida 2).



Teatro Municipal Sandoval Wanderley atualmente sofre com o abandono público



Cine São Luis nos anos 50

Parte do bairro conhecida como "Baldo"



Ex-presidente Lula discursa no bairro do Alecrim



Foto atual da Igreja São Pedro, que conserva sua arquitetura



“O Alecrim tinha uma cultura efervescente, mas faltou resistência cultural para manter-se viva com o passar dos anos”, afirma o professor João da Mata. O bairro ainda guarda relatos de personalidades que passaram por suas ruas, como Cuíca, Curisco, Dr. Choque e Maria Sai da Lata. “Eram personalidades, figuras folclóricas e animadores do bairro”, conta Denerval Sá.

A gastronomia também sempre foi outro ponto forte. O Picado do Monteiro, localizado entre a Avenida 1 e a Avenida Alexandrino de Alencar, era o ponto de encontro dos boêmios e intelectuais nas décadas de 1960 e 1970. A Galinha do Tottoia, que funciona desde 1975; a feijoada da Nenzinha, próximo da Igreja São Pedro, além das comidas servidas no mercado e na feira, comida típica sertaneja, também fazem parte da história do bairro.

O Café Nice, a partir do meio-dia da sexta feira, era o reduto dos boêmios, bem como o Beco da Música de Chico Elion, localizado na Av.Alexandrino de Alencar – embora fosse um local mais elitizado que o Café Nice. O Bar Quitandinha, que existiu até 1973, era o cassino da época. A região foi muito utilizada para comícios políticos. Três presidentes da República fizeram comícios na Praça Gentil Ferreira: Lula, em 1992, Jango, em 1963, e João Goulart.

## REALIDADE

Depois do Canal do Baldo, tudo já era Alecrim. Hoje, o bairro faz fronteiras com outros seis bairros: Centro, Barro Vermelho, Lagoa Seca, Lagoa Nova, Dix-Sept Rosado e Quintas, além do Rio Potengi. O bairro é beneficiado com a circulação de 40 linhas de ônibus e a estimativa é que, por dia, cerca de 150 mil pessoas passem pela região. Com o passar dos anos, o bairro se consolidou como uma área comercial e suprimiu a área residencial. “Hoje o Alecrim é esquecido pela classe política, que acredita que por ser um grande centro comercial não tem morador”, considera o empresário Denerval Sá, que há décadas tem um estabelecimento comercial localizado na Avenida 2.

Ao longo dos anos, o Alecrim perdeu muito em arborização. As casas foram se transformando em comércio e abandonaram as árvores nas calçadas. Hoje, um dos grandes problemas do Alecrim é o ordenamento do trânsito na região. Ambulantes, pedestres e veículos disputam o mesmo espaço pelas ruas do bairro. Dia de sábado, quando acontece a tradicional Feira do Alecrim, a situação é ainda mais caótica.



O esquecimento político favorece a desorganização e estrutura precária do bairro

“Falta um plano de mobilidade para o bairro. Hoje temos um problema ainda maior, que vem se agigantando ano após ano por falta da presença do gestor público no bairro, que são os camelôs. O camelô tomou força e poder no bairro e os políticos se acovardaram. Ninguém consegue caminhar pelas calçadas. O Alecrim hoje está desorganizado e todo problema passa pelo camelô”, afirma o empresário Denerval Sá.

No coração do Alecrim está localizado o famoso Shopping Popular, conhecido de Camelódromo. Com uma es-

trutura precária, o local tornou-se uma bomba-relógio prestes a explodir a qualquer momento. A Secretaria Municipal de Serviços Urbanos de Natal (Semsur) tem um projeto de reforma e revitalização da área, mas não tem previsão de quando será executado.

“O Alecrim precisava ser mais respeitado porque por aqui passa, mora ou trabalha boa parte da população natalense. Não nasci no Alecrim, mas tenho coração alecrinense, pois cheguei aqui com oito anos de idade e estou aqui até hoje e pretendo ficar até morrer”, afirma Denerval.



Gravação do documentário “Cais do Sertão”, que retrata a história do bairro através de relatos dos moradores

## DOCUMENTÁRIO RESGATA HISTÓRIA DO BAIRRO

Em 2013, após as comemorações do centenário, o jornalista Paulo Laguardia decidiu homenagear o bairro gravando o documentário intitulado “Cais do Sertão – um dos primeiros nomes dado ao bairro do Alecrim”. Em 2007, ele já tinha feito o seu primeiro documentário, “O Vôo silenciado do Jucurutu”, vencedor do DOC-TV-III, do Ministério da Cultura de 2007, e contou a história, mostrando parte da obra da cineasta Jussara Queiroz, de Jucurutu, residente em Natal.

O jornalista conta que morou poucos anos no Alecrim, mas o maior contato que teve com o bairro foi na atividade profissional. “O

fato de eu ter trabalhado lá e eu já conhecer um pouco da história despertou em fazer esse documentário e homenagear o bairro que tem uma grande importância para a cidade. Mesclamos o Alecrim de ontem e de hoje, mas o grande problema é que hoje as pessoas reclamam que o bairro está no declínio”, comenta.

O documentário é feito com depoimentos de pessoas que moram ou moraram no bairro e tem alguma relação com o Alecrim. “Tem muita gente apaixonada pelo Alecrim e não deixa o bairro por nada”, destaca. Paulo conta que pela pesquisa que fez sobre o bairro para a elaboração do documentário descobriu várias curiosidades

a respeito da localidade, como o fato de o bairro ser um dos únicos a possuir dois padroeiros – São Pedro e São Sebastião.

“Só queria chamar a atenção do poder público e das autoridades sobre a importância que o bairro tem e, de certa forma, cobrar mais responsabilidade sobre os problemas que um bairro tão tradicional passa diariamente. Entre os depoimentos, foi unanimidade de que o bairro está abandonado pelo poder público. Foi muito gratificante poder ter resgatado um pouco da história de Natal”, diz o jornalista. O lançamento do documentário foi feito no Mercado das Seis, bastante prestigiado pela população.

## REFOLES

A história do nome Refoles, ou Rifoles, começou antes da “descoberta” de Natal pelos portugueses. Segundo pesquisa do jornalista Alderico Leandro, “havia nesta cidade caravanas de corsários fazendo contrabando, principalmente de pau-brasil e muitas outras madeiras, além de pássaros silvestres e de até mesmo de tabaco”.

Dentre os corsários, a maioria franceses, “estava Jacques Riffault que, com o passar do tempo o local onde ele ancorava a sua nau passou a ser chamado de Refoles ou mesmo Rifoles. Esse homem negociou madeiras, como o pau brasil, que existia em abundância na margem esquerda do Rio Potengi e, principalmente, pelo lado direito onde havia a chamada Mata Atlântica. Os corsários levaram madeiras daqui, do Rio Grande do Norte até ao Rio de Janeiro. Jacques Riffault foi um deles”, descreve o jornalista.

Segundo Alderico Leandro, a “boa amizade que Riffault tratava com os índios, dava-se à falta de colonização efetiva do território. É tanto que a denominação Riffault perdura até hoje sendo que se chama então de Refoles, onde está, nos dias atuais, a Base Naval de Natal. E com os contatos entre europeus e potiguares surgiu, então, a miscigenação da raça potiguar bem a de outros lugares por onde os europeus passaram. Eram europeus da Normandia e da Bretanha que andavam em íntima promiscuidade com grupos indígenas, de modo especial, as mulheres índias. Um mapa francês datado de 1579 identifica a terra do Rio Grande do Norte. Nele, se identifica acidentes geográficos, das tribos e de produtos econômicos. Desse modo, fica provado que os franceses tinham maiores conhecimentos dessa terra que os próprios portugueses”.



Vista aérea dos primórdios do bairro



Pelas ruas do Alecrim, um passeio na década de 60



Mercado Novo no ano de 1971

NUM LUGAR ONDE O  
DESENVOLVIMENTO AVANÇA,  
A QUALIDADE DE VIDA  
SOBRESSAI.



Parnamirim foi eleita uma das melhores cidades para se viver no país, segundo avaliação da AUSTIN RATING publicada no anuário AS MELHORES CIDADES DO BRASIL, da revista ISTO É. E isso não é apenas uma conquista, mas o resultado de grandes investimentos em todas as áreas, elevando a qualidade de vida do Parnamirinoense.

**Parnamirim**  
*Crescendo com a gente.*

# LUXO A PREÇO DE CUSTO

Sistema de condomínio fechado possibilita a construção de empreendimentos personalizados e com lucros revertidos para os futuros moradores. Empresários do Rio Grande do Norte investem nessa modalidade e apostam em projetos imponentes, nunca antes vistos na capital potiguar

**Por Marina Gadelha**

Fotos Sueli Nomizo





**INVESTIR NA CONSTRUÇÃO CIVIL**, por que não? Com pensamento empreendedor e paixão pelo mercado imobiliário, um grupo de empresários de Natal prova que é possível construir condomínios de alto padrão a preço de custo, erguidos com a verba arrecadada entre os proprietários dos futuros apartamentos. O resultado dessa modalidade de negócio está nos empreendimentos personalizados já existentes na capital potiguar, alguns deles construídos há mais de 20 anos, que serviram de inspiração para a dupla Shin Han e José de Paiva Torres concretizar novos projetos. Eles entraram no sistema condominial separadamente e, em 2003, uniram-se a outros amigos para juntos transformarem um terreno privilegiado na esquina da Avenida Getúlio Vargas e Rua Dionísio Figueira, em Petrópolis, no luxuoso Residencial Bello-monte. A poucos metros desse empreendimento está o Residencial Pavarotti, aposta ambiciosa em fase de obras e já com toda a torre concluída, entrando em fase de acabamento. A nova aposta do grupo é o Residencial Sinatra, que fica ao lado do Pavarotti e também é um empreendimento de alto padrão, com a belíssima vista das praias urbanas de Natal.

O médico Shin Han conheceu o sistema condominial há 25 anos, quando foi chamado por um grupo de amigos para fazer parte da construção do edifício Leonardo da Vinci, localizado na Rua Juvenal Lamartine, bairro do Tirol. Poucos anos depois, no mesmo endereço, o empresário Paiva Torres aderiu pela primeira vez ao regime de administração no condomínio Amadeus Mozart. Esse foi o pontapé para ambos descobrirem o potencial de mercado da obra a preço de custo, na qual os compradores inicialmente formam a pessoa jurídica do bem edificado – constituem condomínio –, escolhem um síndico e criam uma comissão que irá acompanhar todo o decorrer da construção. Os recursos ficam por conta dos condôminos, que fazem pagamentos mensais para o condomínio erguer o prédio de acordo com o projeto também encomendado pelos proprietários.

Os condôminos escolhem entre duas opções. Caso fique responsável pela administração, a construtora aplica sobre os custos uma taxa que varia de 10% a 15%, a depender do porte da obra, do prazo de construção e do risco envolvido. Outra opção é o próprio condomínio administrar a construção a partir de um engenheiro contratado para tal fim, o que resulta em mais economia. A modalidade a preço de custo está submetida à rígida disciplina da lei nº 4.951/1964, que dispõe sobre o condomínio em edificações e as incorporações imobiliárias.

# *Luxo a mais por preço a menos*

Os diferenciais do sistema condominial tornam possível a edificação de empreendimentos com valores até 40% inferiores aos praticados pelas construtoras, isso porque quando estas trabalham como incorporadoras – responsáveis por toda a articulação do empreendimento – inserem no valor final as taxas de risco, administração, comissão de corretagem e o seu próprio lucro. “Já o condomínio fechado contrata um engenheiro e assume os riscos inerentes à obra, pois qualquer eventualidade será arcada pelos condôminos. Dessa forma, os gastos na construção ficam bem mais em conta e os lucros são convertidos para o grupo proprietário”, explica Fernando Cysneiros Júnior, engenheiro responsável pelo Residencial Pavarotti. Quem investe nesse tipo de negócio consegue lucrar em até 100% sobre o montante aplicado ao vender o apartamento pronto para morar, ofertado com o preço praticado pelo mercado imobiliário local. Ou seja, acima dos custos para a sua construção.

Se decidirem pagar a taxa de administração à construtora, os condôminos têm a vantagem de conhecer plenamente os custos e normalmente só liberam recursos mediante a apresentação de cotações de insumos, propostas de fornecedores, programações



**Fernando Cysneiros, engenheiro responsável pelo Residencial Pavarotti**



**Planta da área de lazer dos futuros residenciais**



### Arquitetura se une às belezas naturais no Condomínio Alto de Búzios

financeiras e prestação periódica de contas. Com esse controle próximo, a obra sai a preço justo e sem as cobranças extras embutidas pela construtora em imóveis financiados por ela mesma. Além de mais baratos, os empreendimentos a preço de custo são planejados especialmente para os seus moradores, que prezam pela qualidade dos materiais aplicados e exigem capricho em cada detalhe trabalhado. No Residencial Pavarotti, por exemplo, as plantas dos apartamentos são livres e

personalizáveis de acordo com as necessidades de cada proprietário. Apenas a cozinha, a área de serviço e a dependência são fixas, enquanto a distribuição das áreas íntimas e sociais, ficam a critério das famílias.

Essa modalidade é lastreada na capacidade financeira dos proprietários, pois o atraso no pagamento de parcelas pode levar à diminuição do ritmo da obra. Para evitar essa situação, Shin e Paiva recomendam a formação de grupos nos quais todos sejam

pessoas de confiança e conhecidas entre si. Também é importante formalizar um contrato no qual o novo integrante se responsabilize pela contribuição financeira e, se for inadimplente, seja obrigado a vender a sua parte. “Os condôminos já selecionam quem pode entrar ou não. Aqui no Pavarotti todos são do nosso ciclo de amigos, estamos quase virando uma família”, cita Paiva Torres, grande empreendedor que se esforçou ao máximo para realizar o sonho de erguer o novo condomínio.



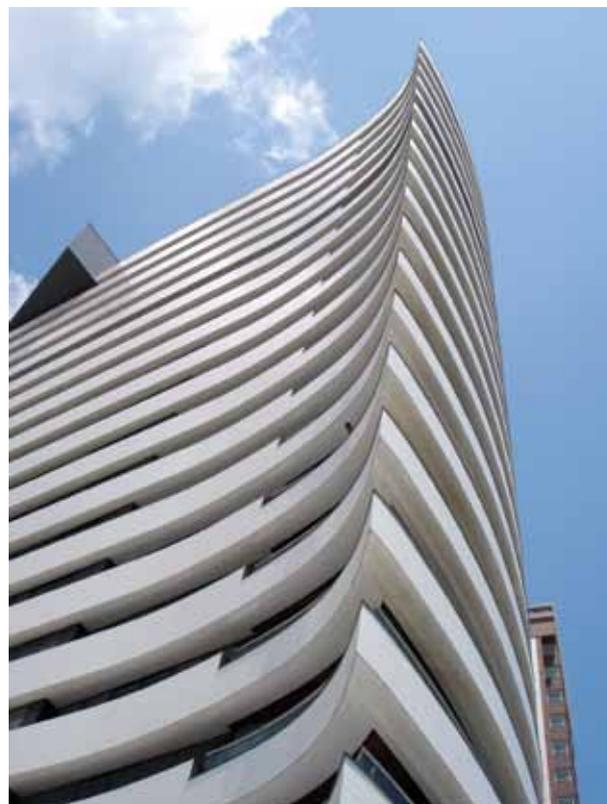
A bela vista do orla é privilégio destacado nos residenciais Sinatra e Pavarotti, na rua Pinto Martins

# *Projeto inovador*

A ideia de criar os residenciais Pavarotti e Sinatra surgiu de alguns proprietários do Bellomonte, onde os moradores desfrutam uma infraestrutura diferenciada, com destaque para o elevador panorâmico que exibe uma vista maravilhosa de Natal: o mar de Areia Preta, o Forte dos Reis Magos e a Ponte Newton Navarro, paisagem igualmente apreciada nas varandas dos apartamentos personalizados. A satisfação com o empreendimento despertou no grupo o anseio de construir outros semelhantes na Rua Pinto Martins, onde já não existiam terrenos disponíveis.

O problema poderia significar o fim dos planos, mas para Paiva foi apenas um obstáculo a ser superado. Ele assumiu o desafio de conseguir o espaço necessário e, durante oito anos, negociou a compra de casas da região. No total, 28 imóveis foram adquiridos e posteriormente demolidos para dar lugar aos prédios de luxo.

Ao dispor do terreno, o empresário constituiu condomínio com os amigos e, em 2011, procurou o renomado arquiteto Fabiano Pereira para elaborar o projeto dos residenciais. Esse mesmo profissional assina os projetos do edifício Bellomonte e



Arquitetura do Edifício Bellomonte

do condomínio horizontal Alto de Búzios, na enseada da praia de Búzios, litoral sul do estado, outro empreendimento a preço de custo do qual Paiva Torres fez parte junto a Orismar de Almeida. O residencial na praia de Búzios é tão luxuoso que ganha comparação ao Nanai, resort pernambucano de altíssimo nível. Para o Pavarotti e Sinatra, Fabiano desenvolveu uma arquitetura contemporânea e atemporal que lembra os prédios de Miami (EUA). “A beleza não está nos adornos, e sim na proporção base/altura – pé direito alto – e na limpeza da fachada”, explica Fabiano.

O arquiteto destaca o planejamento diferenciado, em que tudo é pensado antecipadamente, além de um projeto elaborado pelos melhores profissionais locais e o detalhamento feito por grandes nomes reconhecidos em âmbito nacional. O maior especialista do Brasil em pele de vidro, Paulo Duarte, foi o consultor do projeto desse revestimento que será aplicado em parte da fachada dos prédios. “A escolha do vidro errado causa desconforto acústico, térmico, e pode refletir coloração nos ambientes internos. Para evitar esses problemas, buscamos auxílio de quem possui o maior know how na área”, esclarece Fabiano. Já o paisagismo foi detalhado pelo renomado Benedito Abbud, enquanto o projeto de segurança ficou nas mãos de um dos escritórios responsáveis pelo planejamento da Copa do Mundo 2014. “Um projeto simples precisa de arquiteto,



**Os empresários Shin Han e José de Paiva Torres visitam a obra regularmente para discutir e acompanhar o projeto em cada detalhe**

calculista e instalador de água, luz e telefone. À medida que se deseja fazer algo mais sofisticado, com alto grau de complexidade e qualidade, é preciso agregar outros profissionais. Isso só se faz em grandes projetos como o do Pavarotti e Sinatra”, completa o idealizador.

O acompanhamento das obras e a arquitetura de interiores são realizados por Gracita Lopes, arquiteta que já realiza a ambientação para proporcionar a entrega das áreas comuns com um trabalho final. Cada layout é aprovado pelos condôminos e os materiais são escolhidos em comum acordo para, assim, evitar possíveis reformas no prédio depois de concluído. De acordo com a profissional, esse planejamento antecipado é a

grande diferença do Pavarotti e faz dele um empreendimento essencialmente de luxo. Nas áreas sociais, ela segue o mesmo conceito de limpeza [o clássico “menos é mais”] proposto por Fabiano para criar uma harmonia entre os projetos, com a preocupação de criar ambientes funcionais, aconchegantes e atemporais. “Essa arquitetura promove um prédio generoso externamente e internamente, sinônimo de bom gosto por meio do simples e elegante. São utilizados materiais nobres e de boa manutenção, livres de modismos e planejados para o futuro. Quem investe nesse condomínio compra mais que um imóvel, mas uma experiência bem particular”, compartilha Gracita.

# *Depois do sucesso, novos desafios*

Não foi à toa que os criadores do Pavarotti e Sinatra batizaram os condomínios com os nomes de dois cantores eternizados – o italiano Luciano Pavarotti e norte-americano Frank Sinatra. Afinal, eles pretendem surpreender os moradores dos residenciais com algo tão maravilhoso e único quanto as vozes desses ícones da música mundial, em uma estrutura sofisticada e uma localização invejável. Cada edifício conta com 20 apartamentos, um por andar, todos com vista para o mar e os seus atrativos marcantes. A exclusividade está nos mínimos detalhes, desde plantas personalizáveis até a água mineral encanada.

As áreas de lazer reúnem piscina com raia; decks secos e molhados; spa com piscina aquecida para hidroginástica, integrada com a sauna; quadra poliesportiva; espaço fitness; salão de festas e salão gourmet. “Vão ser os edifícios mais bonitos de Natal, verdadeiras obras-primas”, arrisca Paiva Torres, que comemora o sucesso dos residenciais. O Pavarotti será finalizado no próximo ano e todos os seus apartamentos já tem proprietários. Já para o Sinatra, cujas obras iniciam em 2016, ainda existem algumas unidades disponíveis.



Áreas e ambientes do Residencial Pavarotti





Paiva, Shin e Cysneiros



Depois desse projeto ousado e arrojado, Shin e Paiva não descartam novos investimentos no sistema a preço de custo. A dupla acredita que essa modalidade tem potencial de expansão, baseada na confiança entre condôminos e profissionais envolvidos para garantir o sucesso dos empreendimentos.

Os empresários experientes conseguem ganhar a credibilidade dos condôminos, mas também é preciso ter visão empreendedora e uma pitada de coragem para assumir o posto de síndico dos condomínios. Essa tarefa não é nem um pouco dolorosa para Shin Han, amante confesso dos canteiros de obras. “De início eu era médico e meu hobby era a construção. Hoje parece que é o contrário”, brinca o síndico do Pavarotti e caçador de oportunidades no mercado imobiliário.

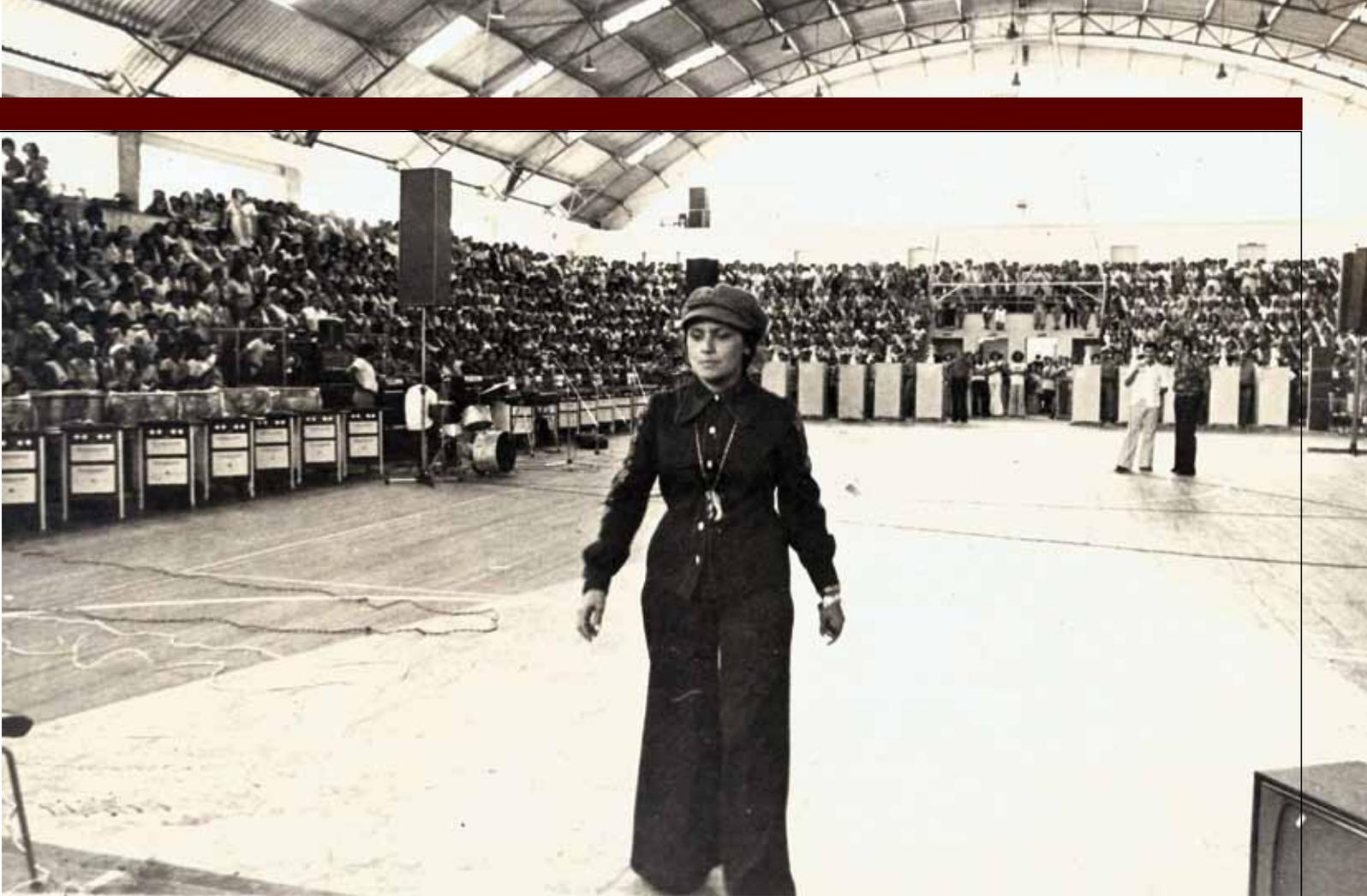
A primeira-dama que balançou o RN. Com inspiração em Evita Perón, interferiu em todas as áreas do governo do marido Cortez Pereira e atuou intensamente na área social. Viveu os altos e baixos do poder e presenciou a solidão de um dos maiores políticos potiguares

**Por: Thiago Cavalcanti**

Fotos: Anastácia Vaz e arquivos da família



# Aída Cortez



Conhecida na época como “Rainha do Bibico”, os famosos bonés que usava em suas aparições públicas

**ELA FOI SEM DÚVIDA** uma primeira-dama fora dos padrões, inovadora, precursora, desbravando um mundo até então basicamente masculino, em uma época em que a mulher não tinha atuação dinâmica na política ou nas ações de governo. Com essa postura, não podiam deixar de surgir polêmicas ou controvérsias. Mesmo assim, Aída Ramalho Cortez Pereira se manteve firme nas suas meta e missão.

Amada e criticada, virou um mito no meio político e social no Rio Grande do Norte. Não media esforços para defender a figura do marido. Sua presença era constante ao lado dele, em viagens,

reuniões, conhecendo todo o meio político nacional da época. Ficou amiga do presidente Emílio Garrastazu Médici, jogadores de futebol, artistas e outras celebridades.

Arquivo vivo de uma época em que o Brasil quer esquecer, em meio à ditadura militar, com direitos e liberdades individuais limitados, essa mulher de personalidade forte, que tem como protetor Santo Expedito, abriu exceção da sua decisão de não mais conceder entrevista e revelou suas memórias para a Revista Bzzz. Fala de poder, glamour, realizações, escândalos, frustrações, injustiças e solidão.

Década de 70, o regime militar imperava no País. Época mar-

cada na história do Brasil através da prática de vários Atos Institucionais que tinham como base a censura, a perseguição política, a supressão de direitos constitucionais, a falta total de democracia e a repressão àqueles que eram contrários ao regime.

No RN, o comando do estado estava nas mãos de José Cortez Pereira, segundo governador bi-ônico, eleito indiretamente pelos militares. Foi aí que entrou em cena a senhora Aída Ramalho, a mulher que assumiu sua função ao lado do marido na administração estadual e no Palácio Potengi, sede do governo à época, hoje Pinacoteca do Estado.



Ao lado do marido fazendo política populista

Caçula de quatro filhos do casal Odete e o médico Antônio Ozorio Ramalho (Hélion, Amanda, Alda), Aída, de temperamento forte e decidida, desde pequena, criou-se no meio da política, seu pai chegou a ser prefeito de uma pequena cidade no interior da Paraíba, estado de origem da família Ramalho. Na mudança para Natal, a família morou em uma chácara no bairro do Tirol, onde hoje é a rua que leva o nome da irmã Alda.

Tempos depois, o pai desmembrou a propriedade, vendeu parte dela e construiu casas para os filhos que iam casando. Aída casou-se com o advogado José Cortez Pereira, no dia 3 de maio de 1956, ela com 20 anos e ele

com 32. Daí em diante começava sua vida ao lado do marido, que já era político, iniciando incessante atividade no meio político. Cortez Pereira foi deputado por três legislaturas e senador. O casal teve três filhos - o mais velho, Cortez Júnior, economista; Aída, a filha do meio, empresária do ramo de alimentação, e a caçula Aíla, advogada.

Voltando no tempo, a data de 16 de março de 1971 ficou para sempre na memória de Aída. Foi o dia da posse de Cortez Pereira no Governo do Estado. Subiu a escada do Palácio Potengi ao lado do marido para ele tomar posse e ela ser consagrada a primeira-dama do Rio Grande do Norte.



Com o palhaço Carequinha em dia de festa no antigo Estádio Castelão



Aída, Alda e Amanda com os pais, Odete e Antonio Ramalho



Aída aos 15 anos



## Mudanças no Palácio Potengi

O governo começa e com ele a responsabilidade e a missão de iniciar uma gestão inovadora e de realizações. Aída Cortez passa a se inteirar de tudo. Uma de suas primeiras ações foi o trabalho social no estado, que até então não existia, além de organizar e providenciar o local onde iria funcionar a sede do administrativo estadual, com condições e estrutura de trabalho, seja para o funcionamento diário da atividade do governador, seja para ter um local que retratasse a importância desse estado, para receber as autoridades locais e nacionais. Assim surgiu a necessidade de se repaginar o Palácio Potengi.

No primeiro dia de expediente viu os funcionários lavando o prédio com “uma água imunda, suja. Aquilo me deu calafrios, não era um bom sinal”, conta Aída Cortez na entrevista exclusiva para a Bzzz. A partir da

cena que presenciou, falou com o marido e pediu ajuda ao arquiteto Ubirajara Galvão (sobrinho de Cortez). A obra precisava ser agilizada, pois em breve o presidente Médici visitaria a capital potiguar. O desembarque foi cancelado até a conclusão dos serviços.

O imóvel foi todo restaurado, cômodo por cômodo, recebendo mobília nova, juntamente com os móveis de jacarandá do início do século 18 (que já faziam parte do palácio). As calçadas receberam pedras portuguesas, o jardim, recuperado. Para celebrar a reabertura, ninguém menos que o pianista Oriano de Almeida, que teve um piano comprado exclusivamente para o momento. O evento foi um sucesso, eram tempos de glórias para o Estado que recebia o prédio restaurado. Observação: atualmente a Pinacoteca do Estado se encontra em estado deplorável.



O dia da posse do segundo governador biônico do RN



Inspirada em Evita Perón, a primeira-dama foi populista e prezou pelo assistencialismo

## Tempos revolucionários

Cortez Pereira era professor, advogado, pensador, estudioso do desenvolvimento, especialmente lhe entusiasmava o contínuo estudo de buscar soluções para o seu Estado. Dirigiu o Banco do Nordeste. Era o que podia se chamar de pedra preciosa que, em plena vigência do regime militar, como governador biônico, construiu toda a base da economia potiguar que perdura até hoje.

Da implantação do projeto Serra do Mel, uma proposta de reforma agrária baseada na exploração econômica do cajú e culturas de

subsistência, passando pela disseminação do cultivo intensivo do coco, com o Projeto Boqueirão, na região de Touros. Cortez Pereira criou as bases de boa parte do que conhecemos hoje como progresso, pelo menos do ponto de vista de um estado que, nos anos de 1970, ainda tinha tudo por fazer.

Realizou as primeiras pesquisas aplicadas ao cultivo de camarão em cativeiro, aproveitando as áreas de salinas desativadas ou introduzindo a criação do bicho da seda, com o projeto de sericultura na região de Canguaretama. Era um gestor ousado, capaz de enviar auxiliares para outros países a fim de recolher subsídios que pudessem ser úteis à realidade local.



Aida e Cortez Pereira,  
49 anos de união

## Inspiração em Evita

Ao passo que Cortez Pereira pensava, planejava e executava as ações macro do Estado, sob o aspecto do desenvolvimento econômico/regional, a primeira-dama Aída firmou-se no trabalho do dia a dia das comunidades, das famílias, do social, especificamente. A sua referência foi a primeira-dama argentina Evita Perón, que influenciou muitas mulheres que estavam no poder, pelo seu populismo e assistencialismo aos carentes. Pois bem, guardadas as devidas proporções, a primeira-dama do regime militar no RN teve esta influência seguindo a linha de trabalho de Evita, dando, no entanto, a este sua personalidade e características próprias.





**Aída foi uma primeira dama marcante no Rio Grande do Norte, adorava o povão e os holofotes**

Aída ficava na outra ponta do governo, na assistência social. Criou a LAC- Linha Auxiliar da Comunidade. Suas auxiliares eram as esposas dos secretários do governo. A LAC funcionava na casa onde foi a residência dos governadores (casa construída pelo ex-governador Sylvio Pedroza) na Av. Hermes da Fonseca. Levava o trabalho a pulso forte, as ações sociais da LAC eram muitas. No natal das crianças no Castelão (hoje Arena das Dunas), o estádio lotava, toda a população carente saía com algum presente, em especial brinquedos para as crianças.

No dia das mães, estas eram

recebidas com festas regadas a prêmios, como geladeiras, por exemplo. Na Páscoa, toneladas de peixes eram distribuídas. Passagens aéreas ou de ônibus eram fornecidas para quem fosse se tratar de doenças graves fora do estado, quando o serviço não era disponibilizado pelo Estado. Mas, um dos pedidos mais esdrúxulos foi o de um burro. Um senhor que vendia estrume e usava o animal como transporte para seu trabalho teve seu animal roubado. Ele então recorreu à primeira-dama. Pedido feito, pedido aceito, Aída determinou a compra de um animal.

O programa “Vamos colorir e perfumar Natal” era o queridinho

de Aída. Tinha carros de som, foguetões, fotos, muita música (havia até um disco compacto duplo com músicas do programa, de autoria do secretário de governo Roberto Lima). Mudanças de árvores também eram distribuídas nesse programa.

Aída Cortez adorava tudo isso. Misturava-se ao povão, mas também gostava dos holofotes e da mídia. Tudo seu era registrado passo a passo. Falar em público era com ela mesma, adorava discursar e dizer o que pensava. “Os pobres jamais se esqueceram de mim, já os ricos nem lembram que um dia estiveram em minha casa”, dispara a ex-primeira-dama.

# O glamour

Como primeira-dama do Rio Grande do Norte, Aída não poupou luxo e sofisticação no seu guarda-roupa. Mulher de personalidade forte e vaidosa, foi vestida por Marçílio Campos, estilista pernambucano que vestia a elite da época, de quem ela já era cliente.

O costureiro era a agulha de ouro do Nordeste, as mulheres ricas de todos os estados o procuravam para fazer suas roupas. Ele estava para época o que a estilista alagoana Marta Medeiros é na atualidade. Cada evento era um vestido, uma peruca e uma joia diferentes. Severino Ramos era seu cabelereiro oficial. Chamava-o carinhosamente de Raminho, que a acompanhava sempre em suas viagens. Foi sua amiga fiel até a morte dele, em 1988.

Aída promovia festas, bailes e jantares como mandava o figurino. Era presença constante nas colunas sociais de Jota Epifânio e Adalberto Rodrigues, colonistas já falecidos. Numa viagem ao Japão, na cidade de Tóquio, a embaixada japonesa recepcionou em jantar o casal e sua comitiva. Chegada a hora da refeição protocolar, Aída não aparecia e Cortez Pereira já estava nervoso. Eis então que ela aparece vestida de gueixa. Todos foram às gargalhas com as peripécias da primeira-dama potiguar. Ficou amiga do presidente Emílio Garrastazu Médici e sua esposa, Scilla. Hoje Aída fala com exaltação do jogador rei do futebol, Pelé. “Amo de paixão aquele homem!”, exclama.



Sendo entrevistada por uma TV pernambucana



Alegria do casal no carnaval do Clube América



Vestida por Marçílio Campos



Aída, Cortez Pereira e Eudes Galvão, recepcionando o jogador Pelé



Aída do seu gabinete controlava todas as ações do governo

## A guardiã

Mulher de gênio forte e cuidado redobrado com a figura do governador, tinha uma proteção exacerbada. Quando o marido estava repousando, não deixava ninguém incomodar, mesmo que fosse algo de urgência. Tal comportamento criou vários imbróglis com auxiliares e deputados que precisassem falar com ele. Certa vez o deputado estadual Moacir Duarte foi à residência oficial e no momento em que o empregado informava que o governador não estava, ele vê Cortez Pereira passar pela porta entreaberta. Foi um escândalo, o deputado de pavio curto

esbravejava, até o governador chegar e acalmar os ânimos, dizendo que o funcionário não sabia que ele estava em casa.

Se Cortez Pereira tivesse uma reunião que Aída achasse importante, não arredava o pé do gabinete. Afirma que o marido sempre incentivou sua participação nas reuniões de governo, mesmo que constrangesse ou incomodasse a alguns. Aída não se poupava para defender o marido, mesmo que gerasse desconforto para seus auxiliares.

A primeira-dama tinha outra particularidade: adorava tomar de-

cisões. Isso deixava todos com certo pânico. Sempre interferia nos trâmites do governo, pois é uma característica da sua personalidade. Ela mandava mesmo. Justifica que as ações tinham que funcionar, assim, se não se envolvesse, muitas vezes as coisas não aconteciam.

Na história política do Rio Grande do Norte nenhuma primeira-dama teve tanta carta branca de um governador como Aída Ramalho Cortez. Todas eram ligadas ao social, no campo administrativo, e ninguém podia reclamar. Respirava o marido 24 horas por dia.



O casal sentiu na pele a solidão após o governo

## Solidão após o poder

Quatro anos depois da posse, no dia 16 de março de 1975, o casal Aída e Cortez Pereira, uma vez que o mandato foi reduzido em um ano (passou de cinco para quatro), desceu os degraus do Palácio Potengi. Era a volta à realidade cotidiana. Restaram poucos amigos. Com uma agravante: Cortez teve seus direitos políticos suspensos pelo regime militar.

A família passa a enfrentar um dos piores inimigos: a solidão. A casa que antes vivia cheia e rodeada de “amigos” era tão somente vazia com a mobília de época testemunhando

o desolamento do ex-governador e da ex-primeira-dama, que se voltaram para família, para os amigos que ficaram e para as atividades desenvolvidas nas suas fazendas, de onde tiraram o sustento durante o período.

“Lembro-me bem um ano depois de Cortez ter deixado o governo, fui visitá-lo no dia do seu aniversário e tive um susto. Estava ele na sala sozinho, um abajur ligado e sem nenhum amigo. Anos anteriores, era gente que não cabia na enorme sala”, lembra o jornalista Albimar Furtado, que trabalhou no seu governo.



## O escândalo

No período da cassação, ainda no intuito de se fabricar “notícia”, saiu publicado um assunto que até hoje incomoda Aída Cortez: o escândalo dos sutiãs, que teriam sido comprados em um pequeno armário do bairro do Alecrim, que vendia de tudo com preços populares, que seriam doados a um abrigo no bairro Bom Pastor, onde residiam moças que se desvirtuaram na vida, ou seja, caíram na prostituição.

A notícia chega ao jornalista Djair Dantas, correspondente do Jornal do Brasil e da revista Veja. Ele repercute com proporções grandiosas e distorcidas sobre o caso, afirmando que tais peças chegavam a 35 mil unidades. Um grande escândalo na época, noticiado em todos os jornais do Brasil. Em Natal, a nota foi publicada pelo jornalista Woden Madruga. Não tendo sido nada provado, o processo foi arquivado.



## Independência rejeitada

Cortez Pereira ainda tentou voltar à política, tendo, inclusive, sido convidado por todos os grupos políticos mais de uma vez. No entanto, não conseguiu, pois ele queria retornar à política de forma independente, com a opção de uma terceira força entre as famílias Alves e Maia, que dominam as searas políticas até hoje. Sem a famosa aliança, a intenção do revolucionário ex-governador não logrou êxito.

Aída fala das injustiças cometidas com o marido, os dissabores com alguns amigos. “Cortez contribuiu muito para o desenvolvimento do Rio Grande do Norte através da criação de projetos importantes. Era um homem simples e culto. Foi injustiçado, mas superava todos os obstáculos e adversida-

des. Ele morreu pelo Rio Grande do Norte e pelos projetos que concebeu, não dão a devida importância e ele”, ressentido-se.

Sobre o poder, ele dizia: “Quem foi e não é mais é mesmo que não ter sido”. Frase criada e costumeiramente citada por Cortez, agora parafraseada pela viúva Aída. O ex-governador José Cortez Pereira morreu no dia 21 de fevereiro de 2004, aos 79 anos.

“

Ele morreu pelo Rio Grande do Norte e pelos projetos que concebeu, não dão a devida importância e ele”



Aída em pose para a BZZZ



Com os filhos, Cortez Jr., Aíla e Aída Ramalho. A família continua a morar no mesmo endereço da época dourada do governo

## Injustiça

Aída Ramalho Cortez é um arquivo vivo. De uma memória privilegiada e de bom humor, não perdeu a mania do tempo de primeira-dama, de dar ordens, de se preocupar com as questões sociais (ainda mantém projetos sociais em algumas cidades do interior).

Mora no mesmo endereço da época de ouro do poder, uma casa espaçosa dos anos 60 no bairro do Tirol, projetada pelo arquiteto Ubirajara Galvão. Recebeu-me educadamente em sua ampla sala, com móveis coloniais, e, de testemunha, um imenso quadro com a foto do marido.

Em nossa conversa ela dispara: “Minha grande frustração foi não seguir carreira política,

Cortez nunca deixou, seria melhor do que muita gente que está no poder”, alfineta. Entre risadas e lembranças, emociona-se ao falar do marido. Das lutas diárias, das glórias e sofrimentos durante o governo. Lamenta que o centro administrativo não foi batizado com o nome de Cortez Pereira.

Não revela a idade, jamais “A velhice é uma realidade incômoda”, considera. Aída Ramalho diz que fez voto de pobreza. “As joias e vestidos de festas viraram passado, não faz mais sentido na minha vida”, revela.

Prepara-se para lançar um livro, onde contará suas memórias do tempo de primeira-dama e da trajetória política de Cortez



“

Minha grande frustração foi não seguir carreira política, Cortez nunca deixou, seria melhor do que muita gente que está no poder”

Pereira. Tem um acervo bastante rico, tudo arquivado e catalogado. Seu dia a dia começa às 6h. Atende pessoas, telefonemas, ajuda a filha Aída no seu bufê e cuida dos netos.

“Meu filho, você é um rapaz de sorte. Já me convidaram para vários programas e entrevistas e não aceitei. Meu santo bateu com o seu”, afirmou durante a entrevista.

Uma coisa é certa: já se passaram 40 anos que Aída Ramalho Cortez Pereira foi personagem da história do Rio Grande do Norte, mas os fatos continuam nítidos em suas memórias, testemunha ocular dos bastidores da política local. Sentiu na pele as delícias e as dores de estar no poder. E dele sair.



# ÍNDIOS DO RN

Contrariando pesquisas do passado, que afirmavam o sumiço dos índios em terras potiguares, são os próprios indígenas que hoje refutam esse histórico

**Por Luíza Tavares**



Jovens Mendonça do Amarelão mantêm tradições vivas



Potiguaras de Sagi cultivam rituais e danças típicas

A PALAVRA “ARI” EM Tupi-Guarani significa “começo”. Para as comunidades indígenas do Rio Grande do Norte foi escrita com sangue. No século 16, com a expansão europeia e o avanço colonial, ocorreu no estado, a exemplo de outras províncias, massiva ocupação territorial, onde imperavam os interesses econômicos, não importando a preservação da integridade desses povos, que tinham seu próprio modo de vida, costumes, cultura e tradições.

Desde então os povos indígenas passaram por uma série de deslocamentos e migrações. Depois da Guerra dos Bárbaros (1683-1725) – movimento de resistência indígena contra a expansão da pecuária no sertão e que é considerado o maior conflito interétnico do Brasil Colonial –, os índios teriam sido dizimados no interior. Os lugares por onde andavam deram lugar a fazendas destinadas à criação de gado e, em alguns casos, às povoações e vilas, origens das atuais

idades sertanejas.

O desfecho dessa história é contado pelo folclorista Luiz da Câmara Cascudo, que comenta sobre “o sumiço misterioso” dos índios do estado, e descreve seu destino fatal, porque não havia mais saída e nem lugar para eles, restando apenas a salvação na condição de “mestiços” ou “caboclos”. Até pouco tempo esta seria uma história bem aceita sobre os índios nordestino-grandenses, mas o sangue que corre nas veias de cada habitante das cinco comunidades indígenas do RN refuta essa história.

O Rio Grande do Norte e o Piauí foram os dois últimos Estados a reconhecerem oficialmente seus povos indígenas, que sofrem diversos problemas devido à ausência de assistência estatal em suas terras, explica a antropóloga e etnóloga Jussara Galhardo, autora do livro “Mendonça do Amarelão: os caminhos e descaminhos da identidade indígena no Rio Grande do Norte”. Ironicamente, os naturais ou habi-

tantes do estado são chamados de potiguares, numa alusão aos índios da tribo Potiguar, que habitavam a costa do estado quando os europeus aportaram.

A antropóloga conta que a partir do ano de 2005 as comunidades indígenas do RN passaram a participar ativamente de encontros, audiências públicas, marcando presença em diversos eventos culturais, além de elaborarem projetos em benefício de suas comunidades. Em 2009, fruto de uma articulação entre comunidades, pesquisadores e advogados, foi realizada a primeira assembleia indígena do estado. Ocasão em que foi discutida a identidade e autoafirmação das comunidades remanescentes dos Potiguaras, o que resultou em um processo de reconhecimento pela Funai (Fundação Nacional do Índio) de cinco comunidades indígenas: Mendonça do Amarelão (João Câmara), Eleotério – Catu (Canguaretama/Goianinha), Caboclo (Assú), Banguê (Assú) e Sagi (Baía Formosa).



**Professor e historiador Euclides Tavares aborda a trajetória e luta indígena no RN**

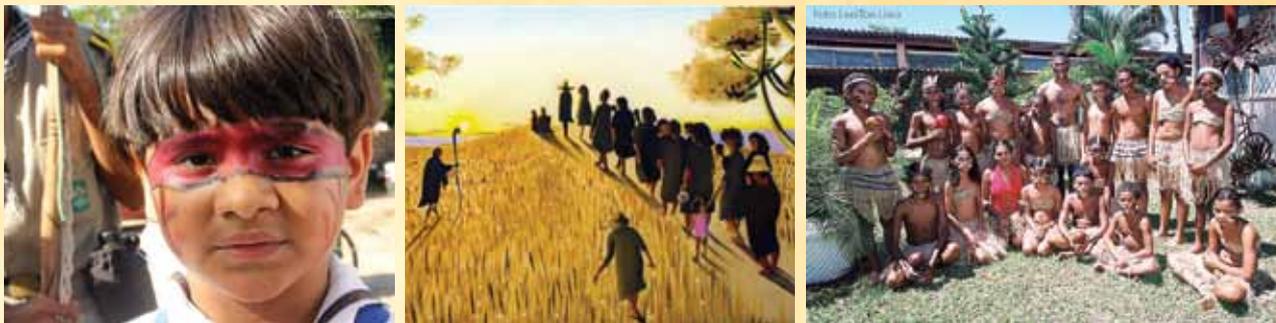
## Terra dos desaparecidos

O historiador Euclides Tavares diz que o indígena potiguar foi relegado ao passado. “O nosso estado foi principal palco de um dos maiores e mais longos conflitos armados envolvendo índios e brancos em todo o período colonial da História do Brasil. Foi a chamada Guerra dos Bárbaros ou Confederação dos Cariris. A guerra iniciou por volta de 1680 e só terminou em 1720. Durante 40 anos ela se alastrou do atual estado da Bahia ao atual estado do Maranhão, mas foi na capitania do RN seu principal palco”, explica. O peso desse possível “desaparecimento” dos índios no Rio Grande do Norte é tão forte que mesmo na contemporaneidade seus efeitos ainda são sentidos. “A carência de estudos é enorme, o índio ainda é mostrado para os estudantes como um elemento romantizado e restrito

apenas nos livros de história. O processo de dizimação da memória desses povos aqui no RN foi muito forte, é preciso mudar essa história”, opina.

A antropóloga Jussara Galhardo explica que muitas dificuldades são fruto do histórico de discriminação enfrentado pelos índios no estado, que os levou a ocultar sua origem. Só a partir do Censo IBGE de 2000 é que os Potiguaras passaram a se declarar como indígenas. O atraso potiguar nessas questões se deve a um “massacre educacional” imposto pela oligarquia do estado, que tirou dos povos originários seus direitos básicos. Até mesmo os livros didáticos tendem a mencionar o índio apenas no período colonial. “Esse massacre ocorreu em outros Estados, só que aqui ele se deu de uma forma muito voraz”, pontua Jussara Galhardo.

Foto: Lenilton Lima



Com ajuda do grupo Paraupaba, as questões indígenas ganharam voz e representação política

## Paraupaba

A especialista, que também é uma das fundadoras do Grupo Paraupaba, ressalta a importância de estudos sobre a causa, como os desenvolvidos pelo coletivo. O Grupo Paraupaba, criado em 2005 no Museu Câmara Cascudo, da UFRN, é constituído por professores, estudantes, bolsistas, pesquisadores da Universidade e de outras instituições de ensino, além de membros da sociedade civil. Estuda e apoia a questão indígena no RN buscando chamar atenção para a problemática das comunidades no estado e de suas perspectivas de natureza

política, cultural, territorial, social e econômica na atualidade.

Também apoia os processos de autoafirmação étnica e os desdobramentos políticos decorrentes dessa luta. O grupo contribui com a visibilidade política, social e cultural das comunidades indígenas no estado, com realização de audiências públicas, assembleia indígena, fóruns de discussão, debates, exposições culturais, estudos, trabalho de campo, diagnósticos junto à Funai e ao Ministério da Educação (MEC), entre outras atividades.



Jussara Galhardo, antropóloga, fundadora do grupo Paraupaba e defensora da causa indígena

## “Estamos vivos!”

Apesar de todas as adversidades já sofridas pelos povos indígenas, existe no Brasil uma importante diversidade étnica, composta por culturas diferenciadas, com grande riqueza de línguas e tradições. Segundo o IBGE, contemporaneamente há 305 etnias e mais de 274 línguas faladas. Já foram muito mais numerosas, segundo estudiosos, chegando a mais de mil línguas. Isso significa perdas de valiosos saberes. Ainda segundo o IBGE, a população indígena atual é de 896.917 (0,47% da população brasileira). No RN, são 2.597 indígenas, de cinco comunidades diferentes, que reafirmam o grito de existência.

Os relatórios da Comissão da Verdade Indígena detalham o quanto os povos brasileiros sofreram graves violações de seus direitos humanos no período entre 1946 e 1988. Alguns dos problemas encontrados foram política fundiária e esbulho de terras indígenas; usurpação de trabalho indígena; confinamento e abusos de poder; endurecimento da política indigenista com a criação de presídios indígenas; contatos e remoções forçadas; tentativa de abolir sujeitos de direitos com o projeto de emancipação. Segundo o historiador Euclides, a Constituição de 1988 trouxe artigos avançados sobre a questão indígena no país, proporcionando a garantia de direitos, como o abandono da concepção assimilacio-



Para Luiz Catu, as circunstâncias são favoráveis à luta

nista do povo indígena, pelo qual era considerado como uma classe ou categoria social transitória, ou seja, estaria no caminho do desaparecimento. “Com a Constituição de 1988, os índios passaram a ser vistos como parte fundamental do estado brasileiro e cuja preservação deve ser por ele assegurada. Isso foi um grande avanço em relação às constituições anteriores”, destaca.

Apesar da Constituição de 1988 reconhecer, por diversos dispositivos, o aspecto pluriétnico da sociedade nacional e os direitos coletivos à terra dos grupos culturalmente diferenciados, os direitos da população indígena no Rio Grande do Norte não são disponibilizados. “Falta interesse político e a pressão da sociedade civil para que esses direitos sejam garantidos às comunidade indígenas aqui do RN”, afirma Euclides.

O atual campo de batalha continua intensamente assentado

em território político e ideológico, o que tem resultado em sérios danos à vida dessas famílias no decorrer de séculos de usurpação de seus direitos e da recusa de sua própria existência como grupos diferenciados, explicou Luiz Catu, da comunidade Eleotérios do Catu, em Canguaretama, durante o Seminário de Direitos Indígenas. Para Euclides, é essencial o reconhecimento efetivo dos direitos desses povos, sem esquecer de levar a discussão cada vez mais para a sociedade civil e à escola.

Ser índio no Brasil significava ser atrasado, inferior, escravizado, catequizado, ser alvo de discriminação, de chacinas e até mesmo não ser considerado humano. Diversos povos foram obrigados a abrir mão de suas línguas e de sua cultura. Agora os povos indígenas voltam a afirmar sua identidade, talvez porque as circunstâncias estejam mais amigáveis. “Este grito não suporta mais ser calado, nós somos índios”, brada Catu.

## MENDONÇAS DO AMARELÃO

Comunidade indígena, que reúne mais de 1600 pessoas, no município de João Câmara, distante 90 km da capital, Natal. Terras fundadas pela família Mendonça há mais de 150 anos, foram perdidas para dar vez ao Assentamento Santa Teresinha. Depois de muita luta, a comunidade conseguiu recuperar as terras.



## ELEOTÉRIOS DO CATU

Comunidade que reúne cerca de 900 pessoas em uma região chamada Catu (“bom” e “bonito” na língua Tupi), nos municípios de Canguaretama e Goianinha, distante cerca de 80 km de Natal. Terras rodeadas de canaviais e criadouros de camarão. No século 18, a antiga aldeia de Igramació (arredores de Vila Flor, Goianinha e Canguaretama) abrigava indígenas Potiguaras e, depois, Tapuias, sobreviventes da “Guerra dos Bárbaros” (Lopes, 2003).



## CABOCLOS DO AÇU

Comunidade que compõe de 150 pessoas, vive da agricultura, trabalhando como meeiros – o que produzem é dividido com o proprietário da área. Terras que já foram dos índios Caboclos. Índios que migraram da cidade de Paraú, no Oeste do RN. Alguns se identificam como indígenas, outros como “caboclos”, denominação que se remete a antecessores.



## BANGUË

Composta por 180 pessoas, a comunidade vive à margem da Lagoa do Piató (13 quilômetros de extensão), no município de Assú. Trabalham com pesca e agricultura de subsistência. Vivem, como os demais remanescentes indígenas, em situação de precariedade nas áreas de saúde, educação, lazer e trabalho. Preservam referências de origem indígena e a presença de antecessores na memória social.



## SAGI-TRABANDA

Autodeclarada Potiguara, a comunidade indígena fica localizada na bela praia de Sagi, município de Baía Formosa, litoral sul potiguar, fronteira com a Paraíba, com aproximadamente 540 pessoas. Estudos indicam que são descendentes dos indígenas potiguaras da Paraíba que chegaram na região há mais de 100 anos.

# GRANDE MAL

Doença mais incapacitante da atualidade, a depressão ainda é grande tabu e já atinge cerca de 11 milhões de brasileiros

**Por Alice Lima – De Curitiba**

**A DEPRESSÃO É A DOENÇA** mais incapacitante da atualidade, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS). Não escolhe etnia ou classe social. Pode estar presente em lares de realidades diversas, comprometer jovens e adultos e mudar vidas inteiras. Os males que a doença traz já não são novidade. Mesmo assim, a falta de acompanhamento e informações faz com que os números indesejados avancem com rapidez e provoquem a sensação de que trata-se de um mal irreversível para uns, enquanto, para outros, depressão é bobagem e não deve ser levada a sério.

De acordo com uma previsão da OMS, o mal seria responsável por 9,8% do total de anos de vida saudável perdidos para a doença. Porém, o índice já foi atingido 20 anos antes, em 2010. Dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) apontam que cerca de 11 milhões de brasileiros sofrem de depressão, número que abrange 7,6% da população de 18 anos ou mais.

Para especialistas e estudiosos da área, existe solução para a doença, quando se tem acesso adequado e conhecimento. Após ter sofrido do mal, o jornalista e teólogo Maurício Zágari afirma que é possível ficar livre dessa doença, desde que se siga o caminho correto. Com base em seu conhecimento de causa, pesquisas e conversas, ele lançou o livro “O fim do sofrimento – Um livro para quem busca consolo e esperança nos momentos mais sombrios”, pela editora Mundo Cristão

A obra se estrutura em torno de 30 afirmações que pessoas em sofrimento costumam expressar, como “tudo está mal”, “não consigo mais sorrir”, “não tenho paz”, “não tenho mais forças”, “meus sonhos não se realizam”, entre outras que foram agrupadas por meio de conversas e interações possibilitadas também através do blog do jornalista. A partir das perguntas, Zágari organizou respostas baseadas



**Maurício Zágari** relata sua experiência no livro ‘O fim do sofrimento’



na visão cristã. Com as reflexões e mensagens de incentivo, o livro entrou na segunda edição no período de dois meses.

“A depressão tem afetado milhões de pessoas em todo o mundo e, apesar disso, é um problema muito mal compreendido e, consequentemente, tratado de forma equivocada por muitos. Um dos grandes problemas de quem está deprimido é lidar com a incompreensão das pessoas com quem se relaciona. Não adianta dizer a alguém em pleno processo de depressão coisas como ‘levanta, sacode a poeira e dá a volta por cima’”, afirma o jornalista.

Para ele, a fé contribui com o tratamento e pode ser um fator decisivo para ajudar pessoas que sofrem de depressão causada por circunstâncias adversas da vida. “A depressão patológica tem origem orgânica ou psiquiátrica e deve ser tratada por um psiquiatra, com medicamentos e psicanálise. Mas existe a depressão circunstancial, como a que sofre quem perdeu o emprego ou que está de luto pela morte de alguém querido”, explica o autor, lembrando que a fé e a ciência complementam-se.

A ajuda direta da fé, como defende a obra, acontece mediante o conhecimento de realidades transcendentais e imanentes que fortalecem a pessoa, que oferecem esperança, paz e ânimo. “Saber que você não enfrenta sozinho o seu problema e que há um ser maior que o ama e age em tudo para o seu bem é importantíssimo para atravessar os tenebrosos vales da depressão e conseguir sair dele”, reitera.

O conhecimento de causa foi profundo. O jornalista lembra que em um período de sua vida chegou a tomar 14 comprimidos de “Rivotril” por dia para conseguir respirar,



Para Maurício, a fé pode ser essencial no tratamento

pois começou a somatizar a depressão e o estresse na forma de falta de ar e parestesia. Hoje ele afirma que está completamente livre do mal. “O importante é não ficar inerte, mas buscar tratamento junto a um psiquiatra e procurar fazer o que for preciso para solucionar ou mitigar o problema”, afirma Zágari.

## De onde vem

Diversos fatores podem levar à depressão. Muitos estudos apontam que transtornos depressivos estão associados a questões genéticas, bem como alterações hormonais. De acordo com a psicóloga Julita Sena, é fundamental considerar os mais diferentes contextos nos quais o sujeito está inserido: social, econômico, pessoal, familiar, profissional etc. A profissional explica que os fatores precisam ser vistos com cautela para que se realize um diagnóstico e uma dinâmica de tratamento seguros.



## Sintomas

“A principal característica da depressão é a tristeza em larga dimensão e sem motivo. Esse olhar é essencial para que a depressão não seja confundida com o sentimento de tristeza inevitável diante de determinadas situações da vida, equívoco que tem se tornado corriqueiro”, destaca a psicóloga. Explica que o paciente deprimido encontra-se sem ânimo e sem forças para coisas simples do cotidiano, isolando-se cada vez mais por não encontrar sentido na vida, tampouco de-sejar rebuscá-lo.

Há casos em que a tristeza pode evoluir para uma depressão. Por exemplo, o estado de luto diante da morte de uma pessoa amada pode se prolongar e o enlutado não conseguir reajustar a vida, ficando preso à tristeza do pesar. “Nesse pa-

norama, o luto pode desencadear gradativamente um processo depressivo. Mas, isso não é regra, é exceção. Além disso, não se cuida de um deprimido como se cuida de um enlutado e vice-versa. São nuances divergentes”, detalha a profissional.

Diante de uma mudança de humor, tristeza profunda, choro frequente, perda de interesse nas coisas da vida, apetite comprometido, prejuízos escolares ou profissionais, redução da libido, entre outros sinais, o indicado é procurar um profissional qualificado, psicólogo e/ou psiquiatra. A partir do contato, será possível compreender o que realmente se passa, para que não exista distorções entre tristezas, estados passageiros e a depressão de fato, pois a linha que separa o diagnóstico de muitos transtornos pode ser bastante tênue.

## Vergonha da doença

A psicóloga alerta que uma grande dificuldade no tratamento de pessoas que sofrem com problemas mentais é a vergonha de admitir a doença. “Muitas pessoas não reconhecem os sintomas sequer para elas mesmas, o que traz graves resultados. Ainda há um grande tabu em torno das questões ligadas às emoções e desordens mentais. Assim, na maioria das vezes o paciente nos chega apresentando um quadro já bem severo pelo ‘atraso’ na busca por ajuda”, pontua Julita Sena.

# Superação

A jornalista e designer Diolene Machado é outro exemplo de alguém que acredita na superação da doença. Ela passou por todo o processo de sofrimento, sintomas fortes e desconhecimento, até ter a aceitação e procurar por profissionais. Quando teve a primeira crise, aos 16 anos, achava que tinha uma doença muito grave, pois sentia diversos sintomas como dormência no corpo, o queixo tremia e estava muito negativa, com pensamentos autodestrutivos. A família também não sabia que poderia ser depressão. Então levou algum tempo até ser diagnosticada por um médico e procurar um psicólogo.

“Nesse primeiro momento eu tive muita resistência em aceitar a doença, recusei a me medicar e fui a três consultas com a psicóloga. Decidi que ia me levantar sozinha, sem ajuda médica. Tive preconceito com a doença e sofri durante muito tempo até me sentir melhor, então achava que nunca mais sentiria novamente os sintomas. Mas tive uma segunda crise, aos 23 anos, e decidi iniciar um tratamento com a mesma psicóloga, mas sem aceitar me medicar”, lembra Diolene.

Tudo começou quando ainda morava em Belém, no Pará. Três meses após iniciar o tratamento terapêutico resolveu morar em Natal (RN), o que a obrigou recomeçar.



**A jornalista Diolene superou a doença e afirma que é possível ser feliz**

“Ouvi coisas absurdas como, por exemplo, quando fui a uma clínica geral pedir uma guia para ir à psicóloga e a médica disse que era para eu lavar roupa que ia passar a depressão. Fiquei muito abalada, mas decidi ir assim mesmo”, recorda.

Os sintomas voltaram no início deste ano, mas ela já estava mais preparada para o enfrentamento. Diolene encontrou na religião – ela é budista de Nichiren Daishonin e membro da ONG Brasil Soka Gakkai – uma grande força. “Vinha lidando bem com os problemas, mas sofrer é inevitável e quando se tem tendência a desenvolver a doença, qualquer desvio do planejado pode ser um disparador”, comenta. Em uma das reuniões budistas, uma amiga a indicou um

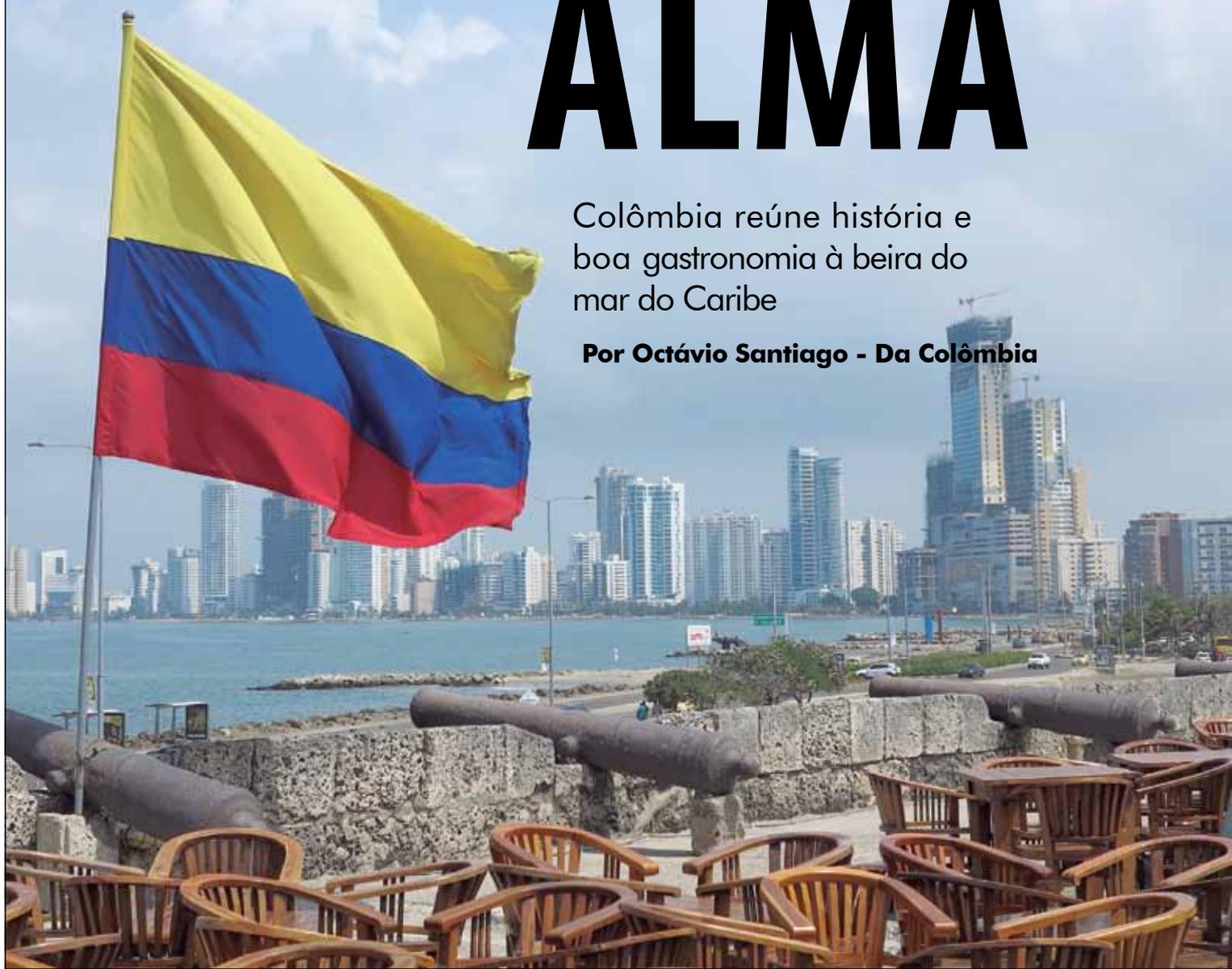
psiquiatra e uma psicóloga, que a acompanham desde fevereiro.

Além do tratamento e do apoio que encontra na fé e na sua religião, Diolene segue recomendações de como viver bem, ter uma alimentação saudável, praticar atividades físicas, ler e trabalhar. Cuidados que todos devem seguir, mas são ainda mais relevantes quando se trata de pessoas com tendência depressiva. Outra atividade que a jornalista se dedica é de ajudar outras pessoas que passam por essa doença, indicando quais os caminhos a seguir. Ação que, além de ajudar a outras pessoas, a deixa mais forte. “Gostaria que ninguém tivesse que passar por esse grande sofrimento, mas, se passar, saiba que é possível viver bem e ser feliz”, afirma.

# SINESTESIA que desperta a ALMA

Colômbia reúne história e boa gastronomia à beira do mar do Caribe

**Por Octávio Santiago - Da Colômbia**





O charme dos séculos passados impera em Cartagena

FOI GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ que disse uma vez: “Tudo é questão de despertar sua alma”. Gabo estava certo e, provavelmente, a sua terra natal, a Colômbia, tenha-lhe ensinado isso. Afinal, uma identidade sinestésica com tantas cores, cheiro e sabores com som não poderia provocar outra reação em quem está lá além do animo instantâneo.

Do Brasil para a Colômbia, decolam voos diários saindo de São Paulo e do Rio de Janeiro pelas companhias aéreas Avianca e Latam. Fortaleza já tem voo direto semanal para Bogotá e,

comentam os mais inteirados, Natal está prestes a ganhar um. Qualquer época do ano é válida para se entregar ao país. A capital vai estar sempre fria e seca, graças à sua altitude, já o litoral, com o calor que se espera.

Dentre os cartões postais mais afamados da Colômbia, boa parte deles está em Cartagena, a cidade amuralhada. Assim como a faceta caricata do país... As sacadas floridas, as vendedoras de frutas, o comércio vibrante, com tudo mais que lhe remete: cafés, chocolates e esmeraldas. Isso sem falar no azul próprio do mar

do Caribe.

A história de Cartagena das Índias começa no início do século XVI, quando os espanhóis chegaram à porção oeste da América do Sul e construíram na cidade o maior porto da região, razão pela qual deveria ser guardada por fortes e muralhas. Seu centro histórico, fortificado e amuralhado, foi declarado Patrimônio da Humanidade pela Unesco nos anos 1980. Tudo ainda está lá, preservando segredos como o majestoso Bastión Luxury Hotel e defendendo Cartagena da ameaça contemporânea chamada globalização.

São ruas estreitas, por onde transitam incansáveis taxistas, turistas a pé e vendedores de tudo o que o lugar oferece. Com destaque para as fruteiras, que parecem ter saído da letra de uma cumbia. Dos dois lados e, na verdade, para onde se olha, casarões antigos, cada um com sua cor e sacada florida por buganvílias e hibiscos. A aquarela fica completa com os artesanatos expostos nas caçadas, alternados por mesas e cadeiras. Inspirador.

Dentro da parte antiga da cidade, a porção fortificada, a Torre do Relógio, a Catedral, o Palácio da Inquisição são obrigativos, com outras praças e museus, além da própria muralha e seus baluartes. De cada um, a certeza de um pôr-do-sol inesquecível. Fora do centro, o Castelo de San Felipe e o Convento Santa Cruz de La Popa merecem espaço no roteiro e proporcionam vistas panorâmicas únicas.

Nem apenas de construções e edifícios históricos, entretanto, compõe-se a programação do turista que visita Cartagena. Um dia nas praias, com águas clarinhas, é de praxe. A Playa Blanca, com muito movimento, é bonita, mas está sempre cheia. Já as ilhas do Arquipélago de Rosário constituem a pedida ideal para quem deseja curtir um local sereno com o mar caribenho como plano de fundo.

O cair da noite é apreciado do Café del Mar, no alto da muralha, com o sol se pondo na água e sangria ou clericot para acompanhar. Quando a noite chega, a penumbra das ruelas dá ainda mais charme à cidade. No El Santísimo, quem decide pelo menu tem duas horas de vinho livre. Lá e no magnífico Brujas de Cartajena, o forte são os frutos do mar, acompanhados de platación (bananas verdes fritas) e arroz de coco. Os melhores ceviches estão em La Cocina de Socorro. Para esticar, o endereço é o Café Havana, onde a cumbia toca até o sol anunciar mais um dia no Caribe.



**A beleza do mar caribenho e e os ricos monumentos seculares**



**Casarões antigos com sacadas floridas preenchem a cidade**



**Frutos do mar: especialidade da Colômbia banhada pelo Caribe**



O esplendor da Catedral de Sal



Vista panorâmica da cidade de Bogotá



A arte de Botero e os “gordinhos” mais famosos do mundo

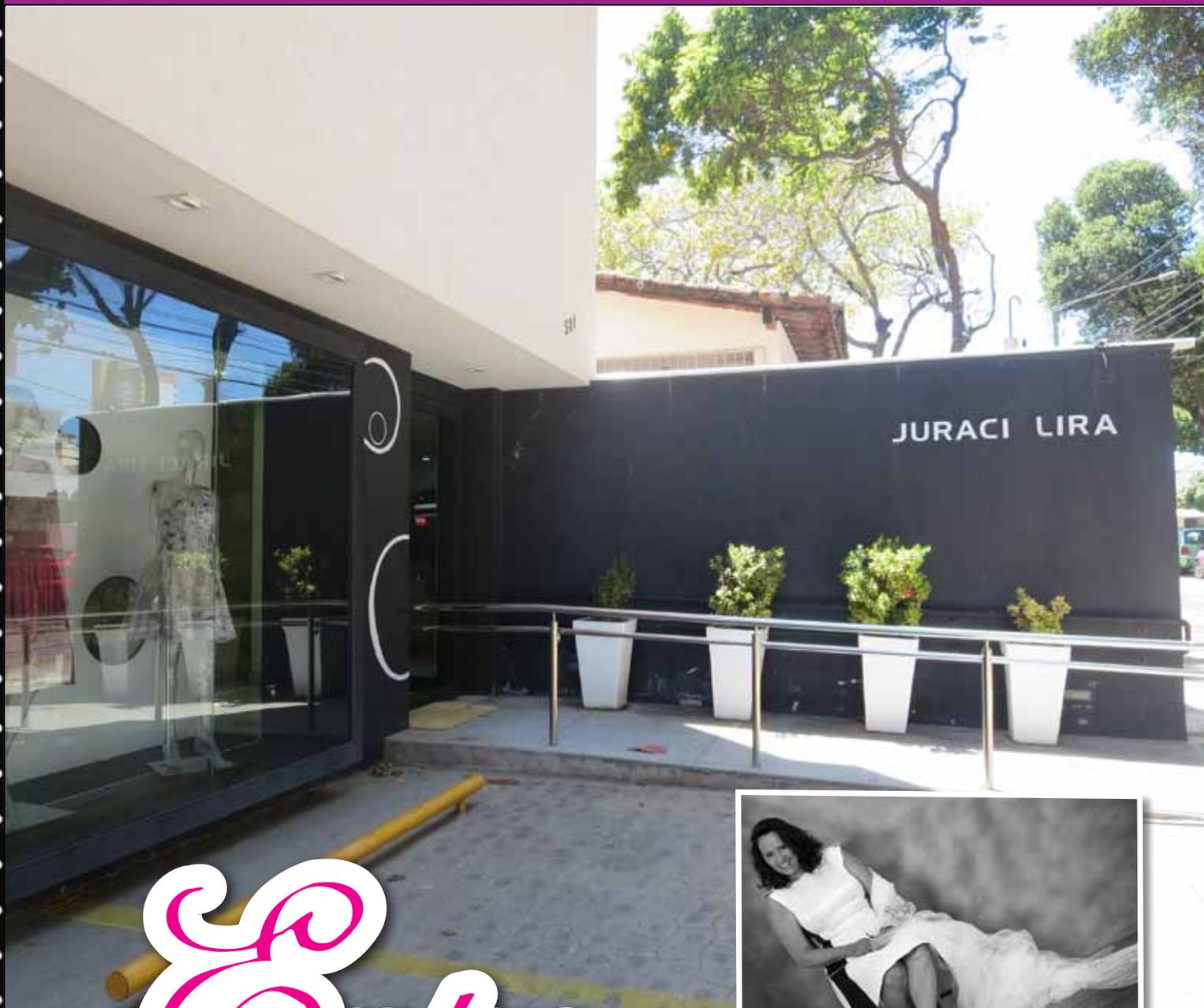
## Mais do que uma conexão

Bogotá é a primeira impressão da Colômbia, nem que seja o seu movimentado aeroporto. A capital é a porta de entrada do país. Seus atrativos não são muitos, mas suficientes para justificar uma estada de pelo menos dois dias nos seus constantes 15°C e umidade na casa dos 30%. Resquícios da história estão por aqui e boa gastronomia também.

A parte antiga da cidade fica no bairro La Candelaria, com construções que remetem à colonização espanhola, sua Catedral e museus imperdíveis, tais quais o impressionante Museu do Ouro e o divertido Museu Botero, com os gordinhos mais famosos do mundo, transformados em óleo sobre tele pelo colombiano Fernando Botero. Não longe de lá, está o Cerro Monserrate, cujo acesso se dá por teleférico ou funicular.

A parte moderna de Bogotá está na Zona T, com hotéis aprazíveis, a exemplo do B3 Virrey, shoppings luxuosos, como o Centro Andino, e ótimos restaurantes. Nesse quesito, o hors concours é o Andrés Carne de Res, com seus quatro andares de entretenimento gourmet e cortes de carnes surpreendentes. Por falar em gastronomia, o nome da vez em Bogotá é Leonor Espinosa. A chef comanda o Leo Cocina y Cava, na lista dos melhores do mundo. As redes locais Crepes & Waffles e Juan Valdez, este o Starbucks colombiano, podem e devem ser encaixados entre uma programação e outra.

A 40 minutos de Bogotá, está talvez a mais imponente atração da visita à capital e aos seus arredores. Trata-se da Catedral de Sal, construída no interior das minas de Zipaquirá. Um santuário católico subterrâneo suntuoso. Um lugar memorável. Uma pausa para agradecer pela maravilha chamada Colômbia e se convencer mais uma vez da racionalidade de Gabo. Afinal, também é dele a frase “o que você viveu ninguém rouba”.



# Entre rosas & poás



Inspirada na alta costura europeia, Juraci Lira conquistou o mercado da moda potiguar

Por Larissa Soares



Modelo de festa por JL



Nathi Faria para Juraci Lira



Modelo Juraci Lira veste a coleção haute couture



Petit póá by JL



Mais um look couture JL

**O NOME DELA CIRCULA** com sucesso dos bailes de debutante aos casamentos, com uma clientela fiel e exigente, Juraci Lira conquistou o mercado da moda potiguar. Mas o que poucos sabem é que tudo começou há mais de cinquenta anos com o vestidinho preto e branco de estampa de poás feito por sua mãe. “Eu fiquei encantada com aquilo!” – disse a estilista usando um vestido preto e branco de poás.

Segundo Juraci aos cinco anos ela já não tinha mais dúvidas quanto ao que queria para o seu futuro. E esse futuro não tardou a chegar, aos oito costurava para suas amigas e aos treze já vestia a Primeira Dama da cidade. O talento veio de berço e foi lapidado por sua mãe que, assim como ela, era autodidata. “Minha mãe era primorosa, passava horas se dedicando à casa de um botão”.

A trajetória traçada até o sucesso não foi fácil, mas com amor e dedicação a estilista foi conquistando aos poucos o reconhecimento do seu trabalho. Após um tempo longe das linhas e agulhas Juraci retornou à Natal e recomeçou do zero sua maison. Com satisfação e brilho nos olhos ela afirma: “hoje estou no auge da minha felicidade”.

Quanto à inspiração para criar, Juraci diz que vem das suas próprias clientes. É através do contato pessoal que começam a surgir as ideias, no primeiro encontro a estilista busca colher o máximo de informações sobre a cliente, como o estilo, a ocasião, o tipo de corpo e, claro, o que a ela deseja para a sua roupa, depois apresenta algumas referências de tecidos e modelos para chegar ao resultado final. “Cada etapa é dedicada à produção de vestidos únicos e personalizados. A presença da cliente é primordial para que o resultado saia como desejado.” – diz Juraci Lira.

Presença certa nas temporadas Haute Couture de Milão, é de lá que a estilista traz suas referências. Para Juraci até os “buchi-chos” em frente aos desfiles são inspiradores. Pelo menos três vezes ao ano ela aproveita para conferir as novidades, frequentar museus, feiras e brechós da Europa.

Uma característica forte das peças de Juraci é a pegada “Lady Like” e as estampas marcantes. Não por acaso os poás são frequentes em suas peças. As rosas também formam sua assinatura. Quando questionada sobre o porquê delas estarem sempre presentes em combinações belas e inusitadas, Juraci responde: “nossa vida já é tão difícil, não é? Quem não fica melhor quando recebe uma rosa?”.

E foi assim, numa conversa leve e descontraída, que Juraci se mostrou não só uma estilista excepcional, mas uma grande mulher, dedicada e apaixonada pelo seu trabalho, forte e marcante como sua saudosa estampa de poás, mas sem perder a delicadeza das rosas.

A photograph of a man and a woman sitting at a dining table, laughing and talking. The table is set with a white tablecloth, a wooden cutting board, a bottle of wine, glasses, and various dishes including skewers and bowls. The scene is lit by a warm, overhead lamp.

# Um chef na sua casa

Já pensou em contratar um chef para na sua casa? Sim, é possível. O cardápio? Quem decide é você. A responsabilidade do profissional é surpreender a todos

**Texto e fotos: Janáina Amaral**



O luxo de grandes chefs servindo à sua mesa, em casa

**FOI-SE O TEMPO QUE** a contratação de um profissional em casa era apenas para grandes ocasiões, como batizado, aniversário, bodas etc. Hoje, contratar um chefe de cozinha para um almoço de negócios, um jantar romântico, ou até para fazer antepastos e reunir os amigos mais chegados para brindes de bons vinhos, em casa, já é tendência natural. São inúmeros bons profissionais no mercado, que e encarregam de tudo, basta uma conversa com o anfitrião e pronto!

Conversando com o chef Lula Cabral, que já teve restaurante e hoje pilota forno e fogão na cozinha dos clientes. “Além de mim, tem vários amigos que realizam esse tipo de trabalho, algumas pessoas inclusive optam por realizar o almoço ou jantar na casa do chef”, conta.

Lula diz que o atendimento é bem específico e depende muito do que o cliente quer. “Tem gente que nos solicita a comida e harmonização do vinho. Tem outros que já têm a bebida e quer uma comida de qualidade que combine com os vinhos já existentes na adega”, explica.

A certeza é uma só: o cliente quer se surpreender e surpreender seu ou seus convidados. Para garantir o sabor, a maioria dos chefs compra os alimentos que serão preparados e optam pelo slow food - referência a uma nova gastronomia, que começa



### Ocasões tornam-se especiais com a presença do personal chef

com a escolha dos alimentos e a forma de produção, respeitando o meio ambiente e os produtores artesanais, assim garantem que a comida que chega até a mesa seja diferenciada pela qualidade dos produtos. Evita, assim, surpresas indesejadas na hora do preparo.

Tudo é combinado nos mínimos detalhes antes, para que no dia nada saia errado. “Ao contratar um chef, o cliente diz para quantas pessoas é a ocasião. Até para duas pessoas já fiz jantares”, revela. Detalhes como cutelaria, flores, arrumação da mesa, guardanapos, taças, tudo

é discutido com o cliente, que muitas vezes opta por usar o que já tem em casa e quando não é possível são tomadas providências para o que a ocasião seja ímpar.

O chef Lula gosta de trabalhar com ocasiões para no máximo 30 pessoas. Considera número ideal para que o protagonista do momento seja o menu.

Mas, se você prefere ir cozinhar? Pedimos ao chef Lula Cabral uma receita diferente e ele sugeriu, para quem gosta de crustáceos, um polvo, muito fácil de comprar para quem mora nas cidades litorâneas.



Jornalista Janaina Amaral e chef Lula Cabral

Para contratar o chef Lula Cabral é só ligar (84) 99401-6266.

Acesse o blog Rituais da Boa Mesa, no [www.portaldaabelhinha.com.br](http://www.portaldaabelhinha.com.br) e siga o instagram: Rituisdaboamesa

# Polvo a provençal

## Ingredientes para o caldo

- 1 xícara (chá) de cebola picada
- 1 xícara (chá) de cenoura picada
- 1 xícara (chá) de salsão picado
- 1 xícara (chá) de alho-poró
- 500ml de água
- 500g de polvo
- Sal a gosto



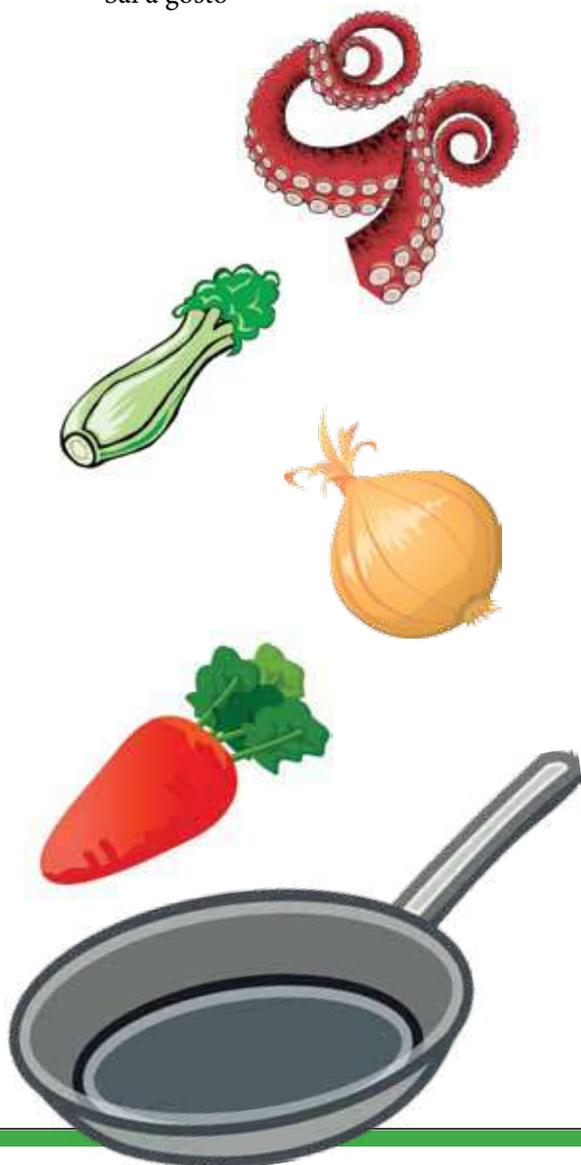
## Modo de preparo

Coloca o polvo tratado (sem vísceras), na panela de pressão com todos os ingredientes acima, quando a pegar pressão marca 8 minutos no relógio, em seguida desliga. Esse é o tempo ideal para o Polvo não ficar borrachudo. Separe o polvo e reserve.

## Ingredientes para finalizar o polvo

- 2 xícaras (chá) de arroz cozido
- 1 colher (sopa) de alho picado
- 2 tomates sem sementes picados em cubos
- Pimenta a gosto
- Azeite
- Salsinha

Em uma frigideira aqueça o azeite, acrescente o polvo, tempere com sal e pimenta a gosto, deixe dourar. Em seguida, coloque o alho, o tomate e a salsinha. Separe o polvo novamente e coloque o arroz já cozido; uma concha do caldo que foi usado para amaciar o polvo com os ingredientes que restou na frigideira e mexa para incorporar os ingredientes. Em seguida coloque o arroz em pratos individuais, destacando os tentáculos de polvo. Sirva e se delicie.

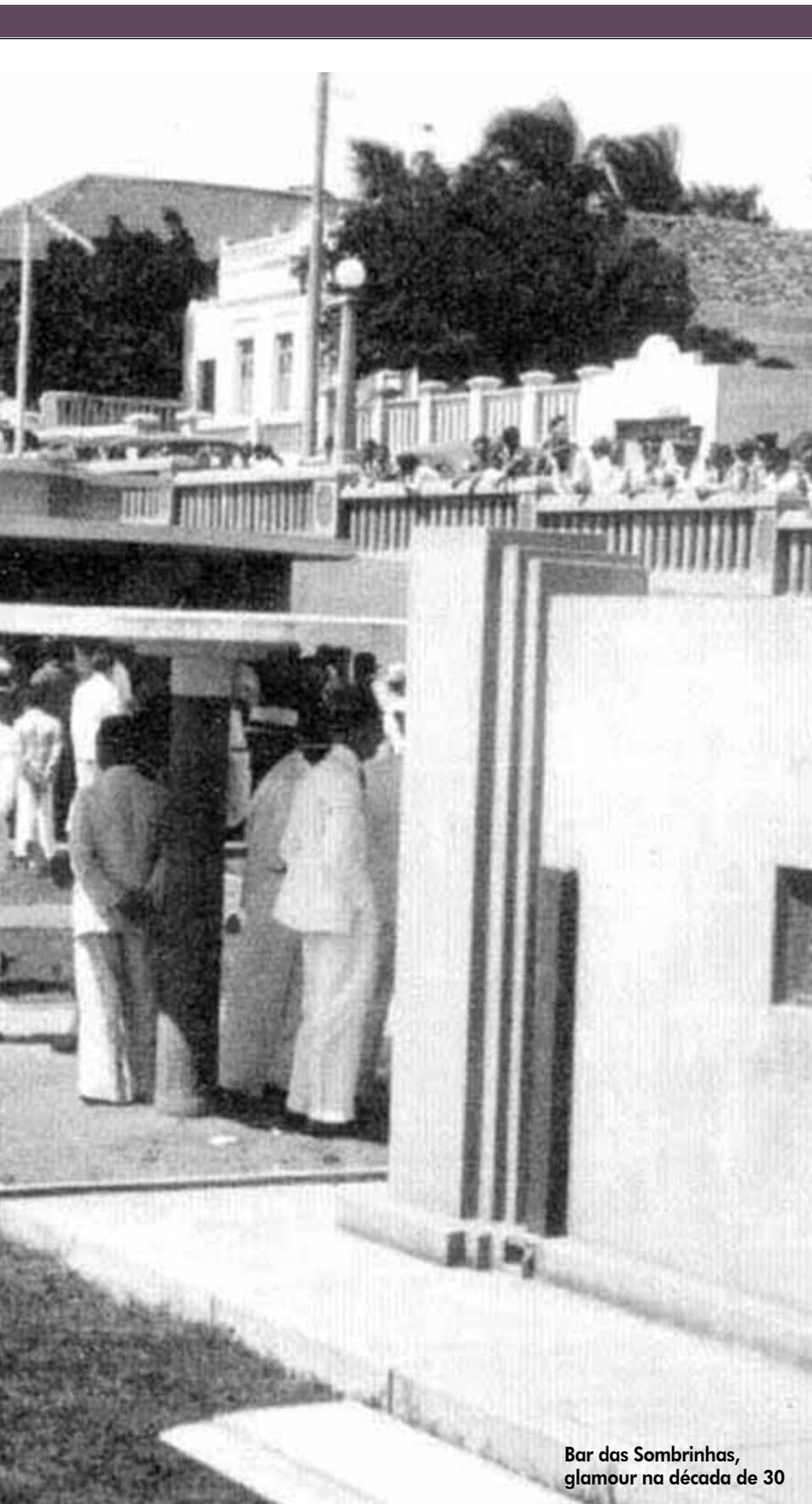


# CLUBE NA LADEIRA DO SOL



Nas décadas de 30 e 70, seletos moradores de Natal tiveram o privilégio de desfrutar de bar e restaurante localizados em uma dos mais belos pontos da cidade: a Ladeira do Sol. Lugar de luxo e restrições, despertou a ira da oposição e funcionários da Caern

**Por Adriana Brasil**



Bar das Sombrinhas,  
glamour na década de 30

**A LADEIRA DO SOL**, um dos pontos mais altos da capital, que leva do bairro de Petrópolis à avenida beira-mar, tem vista privilegiada da orla urbana de Natal, da Praia dos Artistas ao Forte dos Reis Magos. Atualmente muitos não têm conhecimento, mas em um trecho desse mirante natural foi cenário da existência de dois importantes points de diversão da capital no passado, em décadas distintas. O primeiro foi o Bar das Sombrinhas, na década de 30; e depois o Clube do Mirante, nos anos 70.

Existem poucos registros do Bar das Sombrinhas, assim como de outros pontos que foram importantes para a cidade. O jornalista Eduardo Alexandre Garcia é um dos que realizam o trabalho de coletar dados da história de Natal. Parte do que sabe sobre o desconhecido Bar das Sombrinhas ele publicou no seu blog “Aldeia Poti”. É sabido que o bar existiu nos anos 30, na então Avenida Atlântica, hoje Getúlio Vargas, em frente ao hoje Residencial Bello Monte, descida da ladeira.

Na época, Natal era fortemente influenciada pelos costumes norte-americanos e europeus, sobretudo por conta do cinema. Na década de 30, com o início da iluminação elétrica na capital, a cidade se tornou mais segura e as elites passaram a desfrutar um padrão cultural mais vanguarda, com práticas noturnas de cultura e lazer. Talvez a partir daí se possa dar o devido destaque ao Bar das Sombrinhas, um tanto desconhecido da memória popular. Lugar onde homem e mulheres circulavam impecáveis em suas indumentárias

## Mirante

De estrutura cilíndrica, construída com cimento aparente e vidro em uma encosta que margeava a Avenida Getúlio Vargas e a Avenida Circular (hoje, Café Filho), no bairro Petrópolis, o Mirante Praia Clube surgiu inicialmente como um recinto restrito aos funcionários do alto escalão da Companhia de Águas e Esgotos do Rio Grande do Norte (Caern), criada em 1969. O propósito era promover “reuniões e festas destinadas a congregar os associados, proporcionando horas de lazer” a um privilegiado grupo de 100 sócios-proprietários, assim teria anunciado um folheto da época.

A construção do Mirante Clube começou em agosto de 1972, com a verba de 241 mil cruzeiros garantida por uma concorrência pública, organizada e julgada pela própria



**Durante construção do Clube**

Caern. Os proprietários seriam os sócios que comprassem pelo menos um dos 100 títulos à venda. O local da construção foi um terreno da Caern antes destinado à edificação de um reservatório de água.

Criado na gestão do governo de Cortez Pereira (1971-1975), o Mirante Praia Clube teve como um de seus idealizadores Fernando Pereira

de Araújo, diretor administrativo da Caern, irmão do governador. A ideia era fazer do clube um lugar de acesso exclusivo dos funcionários de nível superior e de cargos de gestão, assim como políticos e personalidades importantes da economia local.

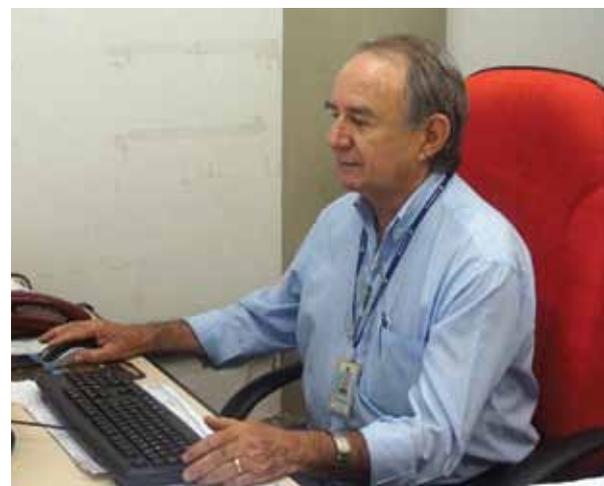
A inauguração foi em 14 de março de 1975, com uma requintada festa para os titulares do clube.

## Alto escalão

O Mirante Praia Clube era, na verdade, um restaurante. Dos mais luxuosos que Natal já havia visto. Cristais, prataria, móveis rústicos de material nobre, cadeiras acolchoadas em veludo. A sofisticação estava presente também no cardápio, com pratos requintados e bebidas, idem.

Um de seus frequentadores foi José Dantas, engenheiro da Caern. Aos 70 anos, ocupa hoje um cargo na assessoria comercial da Companhia. Ele recorda que, na

época engenheiro da área de projetos, fez o cálculo estrutural da construção do Mirante. “Por estar localizado em uma área elevada, se podia ter uma vista privilegiada da Praia do Meio. As pessoas subiam na laje do Mirante para admirar o cenário do mar. Além da Praia do Meio, se via também as dunas de Genipabu, o Forte dos Reis Magos”, recorda o engenheiro. Segundo Zé Dantas, grande parte do público do Mirante era formado por engenheiros, advogados e técnicos da Caern.



**José Dantas, um dos frequentadores da época**

# Do Clube dos 100 ao declínio

O Mirante Praia Clube atraiu a antipatia da imprensa e de alguns ‘caernianos’. Saladino Bentes Rocha, 71 anos, o mais antigo trabalhador da Caern, frequentou o restaurante. Na época, atuava como secretário geral da companhia e presenciou os motivos que levaram o sofisticado restaurante a uma crise existencial que colaborou para a decadência do clube. “O fato de o Clube do Mirante ser de acesso apenas para um seleto grupo de pessoas da companhia causou grande mal estar entre os trabalhadores. As críticas eram abundantes. Trabalhadores se sentiam discriminados, diziam que ‘limpador de fossa não podia entrar no Mirante.’”, Conta Saladino.

Atribui-se a Fernando Pereira a ideia de transformar o Mirante um local ainda mais exclusivo. O clube passaria a ser frequentado apenas por um grupo de pessoas que considerasse diferenciadas, selecionadas da Caern e na alta sociedade. O local até mudou de nome. Passou a ser “Clube dos 100”.

O clube foi duramente criticado pela imprensa em toda a sua existência. Os ataques eram direcionados ao elitismo e a possíveis irregularidades do governo Cortez Pereira na fundação do Mirante. Saladino acredita que muitas das críticas recebidas eram frutos de perseguição exagerada. “Até a compra de um carro modelo Corcel, para uso da diretoria da companhia, era criticada nos jornais. Veja só, um carro que hoje ninguém quer, mas que na época, por dispor de um relógio digital, foi atacado pela imprensa, que julgava ser objeto de luxo para os funcionários”, opina.

As críticas provinham do jornal Tribuna do Norte, que fazia oposição ao governo na época. Era impossível dissociar o Mirante do governo. Em resposta à opinião da imprensa, houve desmentidos: o clube era um “imperativo para o relacionamento social dos servidores da CAERN”. Na época, o jornalista Júlio Cesar Montenegro escreveu no artigo “Natal, Cortez e o sertão”, publicado no jornal Opinião, de repercussão nacional: “os funcionários da Caern, repentinamente lembrados, são pelo menos 500 e ainda não eram sócios-proprietários, o governador reconheceu que é necessário uma assembleia geral do Mirante para regularizar a situação”.

A solução encontrada foi abrir o Mirante Praia para o público. Lançou-se licitação para encontrar um responsável que explorasse economicamente o Clube do Mirante, que seria aberto ao público.

No blog do jornalista e fotógrafo Eduardo Alexandre Garcia, que de forma contínua realiza um importante trabalho de preservação da memória

de Natal, algumas informações sobre o destino do Mirante Praia Clube:

Relato do jornalista Petit das Virgens consta que o restaurante do “Mirante” ficou sob responsabilidade do empresário Alcione Dowsley –já falecido –, proprietário do motel que marcou época em Natal e repercussão nacional e internacional, até, pelas suas polêmicas peças publicitárias: Motel Tahiti.

O restaurante Mirante da Praia chegou a funcionar como um local aberto. Tempos depois, foi fechado e desapropriado pela Prefeitura de Natal em 1976 para a duplicação da Ladeira do Sol, com a contenção das encostas, no projeto de execução do alargamento da Av. Getúlio Vargas.

O gestor prefeito na época era Vauban Bezerra. No seu mandato teve início a construção de um reservatório para a Caern, também no bairro Petrópolis. Para o entretenimento de todos os caernianos, existe hoje um clube, a Associação dos Servidores da Caern (Assec), na Av. Capitão-Mor Gouvêia, bairro de Nazaré.



O restaurante do Mirante ficou sob o comando de Alcione Dowsley, gênio por trás do Motel Tahiti

# Xarias x Canguleiros

No século 19, moradores da Cidade Alta não desciam à Ribeira, e vice-versa. Xarias e canguleiros protagonizaram brigas que iam de homéricas a pedradas e prisões. A partir das 18h, os grupos entoavam grito de guerra: Xaria não desce! Canguleiro não sobe!(...) E entraram para a história do folclore natalense

Por Louise Aguiar  
Charges Brum



É NO LIVRO “HISTÓRIA da Cidade do Natal” (1999, RN Econômico) que o historiador Luís da Câmara Cascudo revela uma curiosidade sobre a Natal do século 19: a rivalidade existente entre os moradores dos bairros veteranos do seu povoamento: Cidade Alta, onde morava a elite, e a Ribeira, rebaixado a nível social inferior. Na parte mais baixa da cidade, viviam os “canguleiros”, que consumiam o peixe cangulo, classificado como de segunda categoria na época e seco. Na Cidade Alta estavam os “xarias”, consumidores de xaréu, pescado de melhor qualidade e fresco.

A rixa, que durou anos, era tanta que provocava verdadeiras brigas entre os moradores dos dois únicos bairros existentes em Natal. “Essa rivalidade deve ser vista como símbolo da cidade provinciana”, diz o professor e pesquisador Luís Eduardo Suassuna, o Coquinho. O povoamento na região era disperso e as pessoas sobreviviam basicamente da agricultura, da pesca e do pequeno comércio. Ainda assim, havia a divisão de classes e até um grito de guerra.

Câmara Cascudo discorre que o grito de guerra era entoado sempre que os moradores rivais encontravam-se.

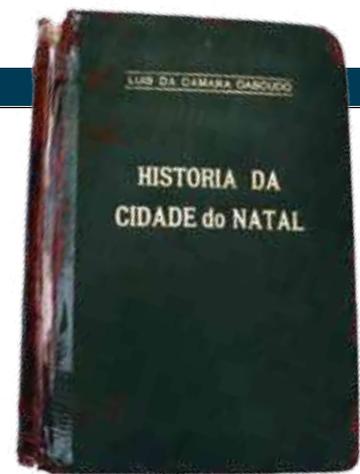
- “Xaria não desce!
- Canguleiro não sobe!”

Era uma clara referência a quem morava na Cidade Alta

jamais desceria à Ribeira, e vice-versa. “Naquela época tudo era muito primitivo e isso se externava nas festas. Na festa da Padroeira Nossa Senhora da Apresentação, em novembro, as pessoas bebiam e as brigas acabavam acontecendo”, relata o professor.

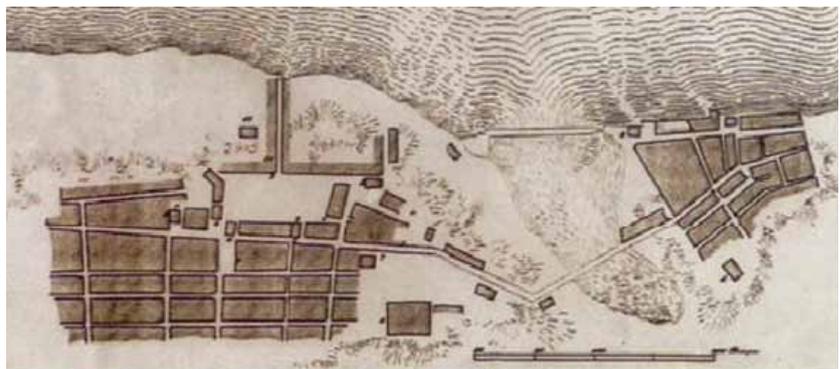
A história hoje faz parte do folclore natalense, mas Câmara Cascudo conta em detalhes como as brigas aconteciam. “Do Beco do Tecido em diante só os campeões se afoitavam depois do escuro da noite. Pau tostado, miolo de aroeira, quiri, canivete, tomavam a palavra entre safanões, murros, capoeiragem e vasta descompostura excessiva”, diz o trecho do capítulo 22, “Xarias e Canguleiros”.

Na época o bairro da Ribeira englobava tudo que hoje envolve o bairro das Rocas, mas o povoamento era disperso e o cultivo da agricultura se misturava às poucas residências existentes. Enquanto os moradores da Ribeira compravam o cangulo no Canto do Mangue, aqueles que



viviam na Cidade Alta costumavam adquirir o xaréu de pescadores das praias de Areia Preta e Ponta Negra.

O professor Coquinho conta que existia também a rivalidade das escolas. Enquanto na Ribeira era o Grupo Augusto Severo, na Cidade era o Colégio Santo Antônio. Na parte mais alta da capital funcionava o Destacamento Militar do Exército, onde hoje funciona a Escola Estadual Winston Churchill; e o Batalhão de Segurança, ficava na Ribeira. “Havia essas diferenças que se externavam em festas, nas noites que as pessoas bebiam. Eles não viviam em guerra, mas existiam essas distinções”, pontua o pesquisador.



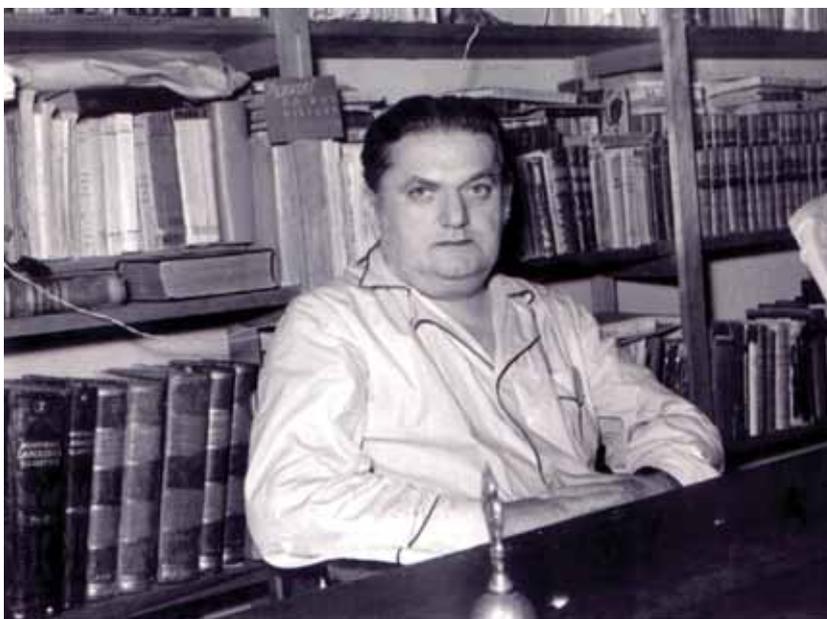
Planta mostra área da Cidade Alta e Ribeira

## Memórias cascudianas

No início do capítulo do seu livro, Câmara Cascudo conta que Natal sempre se dividiu nos dois bairros veteranos, Cidade Alta e Ribeira. O primeiro, historicamente, começava numa colina, vértice do ângulo formado pela junção de duas ruas, Junqueira Aires e João Manuel. Já a Ribeira denunciava um alagadiço de água salobra que se espalhava por toda a Praça Augusto Severo, também conhecido como “Salgado”.

“A maré de preamar vinha lavando desde o pé dos morros, onde passa o final da avenida Rio Branco, englobando a avenida Duque de Caxias, a tradicional Campina da Ribeira, um terço da rua Coronel Bonifácio e saldos da rua Doutor Barata. Era um banho que reluzia ao luar e envergonhava o sol. Para o trânsito havia uma simples pinguela, um toro de madeira atravessando, logo depois da Estação da Estrada de Ferro, o sulco por onde corriam as águas”, relata o historiador.

Os bairros eram divididos por uma ponte, que na verdade eram toras que facilitavam o trânsito. Segundo Cascudo, já mencionavam a ponte em documentos da primeira metade do século XVI. “Da ponte para cima viviam os xarias. Da ponte para baixo moravam os canguleiros. O limite máximo era a ponte. A fronteira comum, entretanto, lindava-se no beco do



**Cascudo eternizou a rixa entre xarias e canguleiros em seus escritos**

Tecido, rua Juvino Barreto, extrema atual da freguesia do Bom Jesus das Dores da Ribeira”.

O termo “tecido” se referia à fábrica de tecidos instalada na Ribeira, propriedade de Juvino Barreto, que ficava logo depois do beco. “Entre xarias e canguleiros a rivalidade era velha e durou dezenas de anos. Moleques, valentões, meninos de escola, desocupados, praças do Exército e do então Batalhão de Segurança mantinham o fogo sagrado dessa separação inexplicável. Naturalmente as famílias da Cidade e da Ribeira conviviam com afeto. Os meninos, os criados, esses, encontrando gente de um bairro no outro lado, iam às vias de fato, infalivelmente”, emenda o historiador no livro.

Cascudo lembra o dia da

Festa da Padroeira Nossa Senhora da Apresentação. “Na festa da Padroeira, novembro, os canguleiros vinham em bandos, armados. Assistiam aos atos, aplaudiam os fogos, mas sabiam que o combate era fatal no beco do Tecido. Havendo circo de cavalinho dava-se a tragédia para os xarias”, relata.

E continua: “O circo, quase sempre, armava-se na Ribeira. A música de seu Candinho, Cândido José de Melo, administrador do cemitério, era contratada e trazia um cortejo de admiradores. Esses não passavam da ponte. Do lado de lá os canguleiros esperavam, lambendo o beijo. Antes de 1880 essa tradição dominava o povo”.

Nos estudos de Cascudo, No das ruas Chile e Silva Jardim, na Ribeira, jangadas e botes atracavam



após pescaria com peixe em abundância. O pescado mais farto era o cangulo, o peixe-porco. Na Cidade Alta, a preferência foi decidida pelos xarés e xareletes, vindos das praias de Areia Preta e Ponta Negra.

Então, canguleiro era o comedor de cangulo e peixe seco, e xaria era o comedor de xaréu e peixe fresco. Apelidos que surgiram a partir dessa “simpatia gastronômica”, como disse Cascudo. Na pinimba, o “pau cantava” e o resultado era “muita cabeça par-

tida, muito nariz amassado, muito braço torcido, muita prisão, foram corolário desses pratos antigos nas ceias gostosas do velho Natal provinciano”, descreveu o mais ilustre historiador potiguar.

Ele relata ainda que verdadeiras batalhas se travaram com espadas de arco de barril, pedradas, areia e insultos dignos de toda malandragem de um morro carioca. Mas, em 7 de setembro de 1908, os bondes de burro começaram a subir e descer a ladeira que distancia-

va os dois bairros.

“A facilidade da comunicação imediata, fácil, barata, aproximou os dois núcleos de população. Meninos, soldados, empregados, valentões andavam para lá e para cá, diariamente, muitas vezes, desencantando-se mutuamente. O calçamento da avenida Junqueira Aires levou esse elemento a ponto de fusão. Misturaram-se, confundiram-se, uniformizaram-se. Xarias e canguleiros morreram. Ficou o natalense”, finalizou o escritor.



# CENÁRIO DE FILMES

**Cidade histórica de águas termais e eleita para filmes de época, Bath inteira é considerada Patrimônio da Humanidade pela Unesco. Quem planeja viagem à Inglaterra, é lugar que não pode deixar de conhecer**

**Texto e Fotos Juliana Holanda – De Bath**



**QUEM PASSEIA PELA CIDADE** inglesa de Bath tem a sensação de estar visitando o cenário de um filme de época. E não é à toa. Bath é a única cidade do Reino Unido a ser considerada um Patrimônio da Humanidade pela Unesco, em toda sua extensão.

Em visita a Bath, o universitário austríaco Mantin Zenker ficou encantado com a conservação da cidade. “A história precisa ser bem preservada para que as futuras gerações tenham acesso ao legado das civilizações antigas”, analisa. Segundo Zenker, Bath é um exemplo a ser seguido por outras cidades históricas. “Além de ser um local belíssimo, há muito o que aprender com a história e a arquitetura daqui”, considera.

A combinação de condições climáticas, história e arquitetura faz da cidade um grande cartão postal e a torna o destino de milhares de turistas todos os anos. Bath possui fontes de águas termais que vêm sendo utilizadas há séculos por moradores e visitantes. Essa característica é responsá-

vel pelo nome da cidade. Quem quiser tomar um banho nas famosas águas termais da cidade pode ir ao *Thermae Bath Spa*. O local oferece piscinas termais e massagens, na cobertura de um prédio, com ampla vista da cidade. Os ingressos para duas horas de spa custam em torno de 30 libras

Mas são as ruínas de uma casa de banho, conhecida como *The Roman Baths*, que se consagra como um dos pontos mais visitados da cidade. Construídas nos anos 70 a.C. por soldados romanos que habitavam o local, as piscinas de águas termais eram utilizadas como espaços de convívio social e para cuidados com o corpo e com a saúde. As ruínas romanas estão bem conservadas e ficam localizadas no centro da cidade, sendo utilizadas hoje apenas para visitação. O local possui gravações de vídeo e de áudio que informam ao visitante sobre o significado de cada ambiente e dos monumentos que adornam a casa de banhos.

Apaixonado por história, o

brasileiro Walter Cancellieri ficou admirado com a construção romana feita há mais de dois mil anos. “É uma estrutura muito antiga que demonstra o grau de desenvolvimento e os valores da sociedade romana da época. A visita às termas é uma verdadeira aula de história”, descreve.

Próxima às ruínas romanas fica a Abadia de Bath. Fundado em 1499, o templo possui estilo medieval, com vitrais e colunas que mostram o preciosismo da época. A Abadia atual é a terceira construção religiosa feita no local e entrou para a história do Reino Unido por ser o lugar onde foi coroado o primeiro rei da Inglaterra, o Rei Edgar, em 973.

A lateral da Abadia conta ainda com uma praça onde artistas se apresentam, fazendo do templo um ponto de encontro entre turistas e moradores da cidade. “Dá para conhecer os costumes locais e confraternizar com os moradores da cidade”, conta Walter Cancellieri, que aproveitou o passeio para conhecer artistas locais.



Imponente fachada do The Roman Baths

## ARQUITETURA

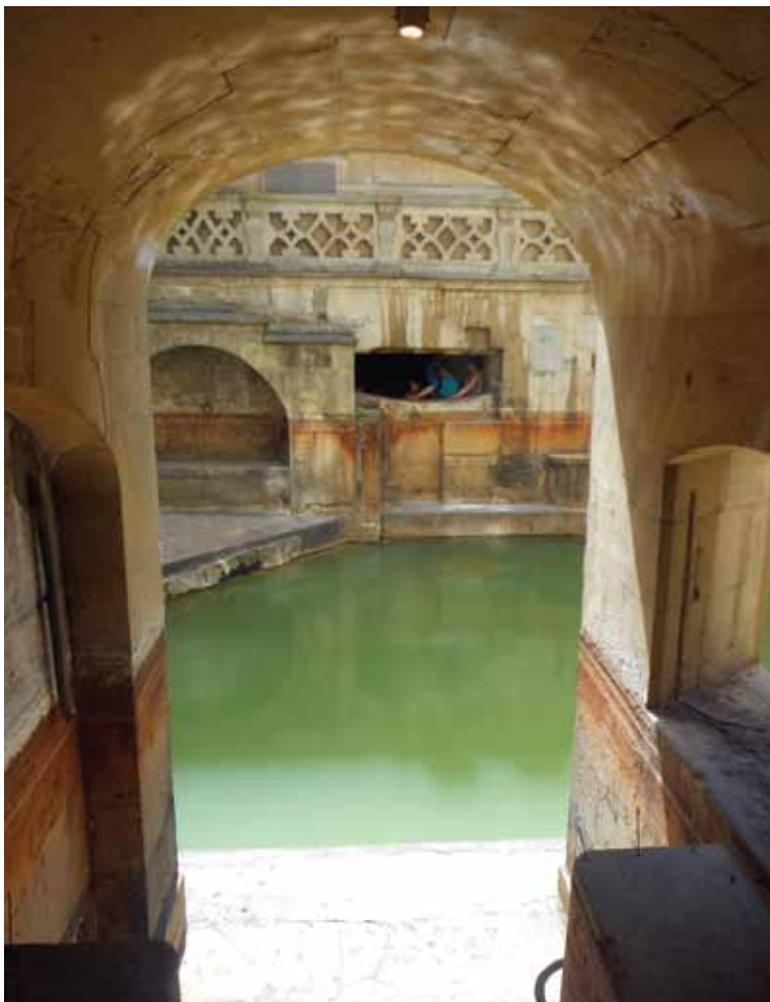
Um dos marcos arquitetônicos de Bath é o Royal Crescent. Construído entre 1767 e 1775, o local é considerado um dos mais belos exemplos da arquitetura georgiana. O espaço possui um museu e funciona como moradia e um hotel cinco estrelas. A construção fica em frente ao Royal Park Victoria, local onde as pessoas aprovei-

tam para descansar e curtir os dias de sol. O lugar também é famoso por servir de cenário em filmes de época, como os dramas *Persuasão* e *A Duquesa*.

Para a estudante chinesa Miko Yu, o Royal Crescent foi uma das construções mais bonitas que ela viu na Inglaterra. “Sou fã do cinema inglês e já havia visto o prédio em alguns

filmes, mas vê-lo assim de perto foi uma experiência incrível”, diz. A estudante conta que passou cerca de uma hora sentada no gramado do parque apreciando a paisagem. “Para mim, este é o local mais bonito da cidade. Vale a pena parar um pouco e aproveitar o ambiente”, sugere.

A menos de cinco minutos de caminhada do Royal



Um dos locais mais visitados da cidade, as ruínas da casa de banho



A milenar Pulteney Bridge encanta turistas

Crescent fica outro destaque do conjunto arquitetônico da cidade: The Circus. São casas construídas em formato circular ao redor de uma praça central. O local já foi moradia de famosos, como o ator Nicholas Cage. A nigeriana Emily Appiah ficou impressionada com a construção circular. “É diferente de tudo que temos em meu país”, fala. “A arquitetura desta cidade é muito bonita e os prédios antigos são bem cuidados”, complementa.

Bath conta ainda com uma das pontes mais famosas do mundo: a Pulteney Bridge. Construída sobre o Rio Avon, a ponte abriga várias lojas, sendo um dos principais pontos de compra da cidade. As margens do rio também possuem parques, utilizados pelos turistas e pela população da cidade como áreas de lazer e de observação da ponte. Para o londrino Daniel Wainwright, uma viagem a Bath precisa incluir o passeio pela Pulteney Bridge. “É sem dúvida um dos locais mais bonitos de toda a Inglaterra”, afirma. “Quem visita Bath deve vir com tempo para andar pela cidade e parar para aproveitar alguns pontos da cidade como a Pulteney Bridge e o Royal Crescent”, aconselha.

Bath fica localizada no sudoeste da Inglaterra. A cidade tem uma população de 80 mil habitantes. Partindo de Londres, o acesso à cidade pode ser feito de ônibus ou de trem. A viagem dura cerca de duas horas.



Arquitetura imponente do Royal Crescent

## CENTRO JANE AUSTEN

A escritora inglesa Jane Austen (1775-1817) morou em Bath durante alguns anos de sua vida e hoje a cidade a reverencia com um centro em sua homenagem. A autora é famosa pelos romances de época que escreveu. *Orgulho e Preconceito* e *Razão e Sensibilidade* são suas obras mais conhecidas e recentemente foram adaptadas para o cinema.

O Centro Jane Austen recebe fãs da literatura romântica de todo o mundo e conta com uma exposição permanente com roupas e objetos do início do século XIX, além de uma loja onde é pos-

sível comprar livros e lembranças que homenageiam a autora.

Fã de Jane Austen, a indiana Raveena Kataria destacou a visita ao espaço como seu local favorito da cidade. “Pude conhecer mais sobre a vida da minha escritora favorita. É um privilégio saber um pouco mais de sua história e visitar uma das cidades que influenciou sua obra”, destaca.

O Centro Jane Austen funciona todos os dias da semana. As entradas variam entre sete e nove libras. O endereço é 40 Gay Street, Queen Square, Bath.



Entrada do Centro Jane Austen



Loja dedicada a Jane Austen



The Roman Baths



Escultura em bronze da deusa Minerva, descoberta em 1727



Personagem romana, The Roman Baths



Vista interna da Abadia de Bath

# HOLIDAY INN

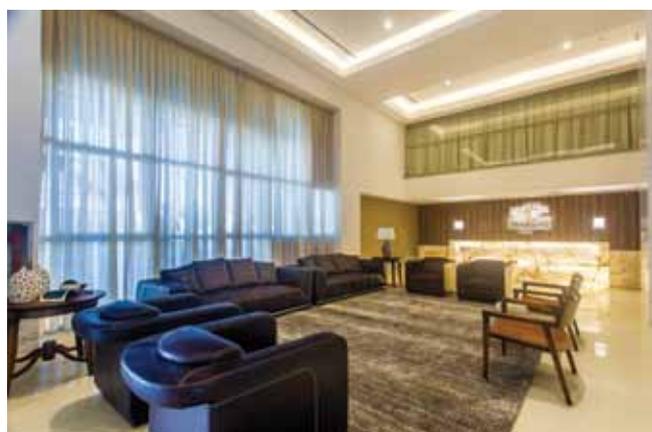


O setor hoteleiro de Natal ganha mais um grande e luxuoso hotel, erguido na área que começa a se destacar como centro de negócios, lazer e praticidade: entorno da Arena das Dunas. Projeto criado para atender hospedagem com conforto, eventos e gastronomia



**Wellington Fernandes**  
Arquiteto

Email: [wfarquitetura@yahoo.com.br](mailto:wfarquitetura@yahoo.com.br)



**COM O EVENTO DA COPA** do Mundo em Natal, a área do entorno do Estádio Arena das Dunas ganhou mais valorização, em Lagoa Nova. Fica em ponto estratégico, entre o centro da cidade e Ponta Negra, contando com bela paisagem de extensas dunas vegetadas. Nesse cenário, começa a se destacar como referência do setor hoteleiro, principalmente no segmento executivo e de eventos.

Podemos dizer que hoje a capital banhada pelo Rio Potengi se equipara no contexto nacional quando o assunto é qualidade nos hotéis. A cidade, com suas belezas naturais e infraestrutura em processo de desenvolvimento constante, pode rece-

ber bem e acomodar pessoas vindas com o objetivo de fazer turismo de lazer ou negócio, das mais variadas categorias de hospedagem.

O crescimento vertical se deu não apenas na área de apartamentos para morar, mas também no ramo hoteleiro, que está sendo bem significativo e um fato importante que devemos considerar relevante é a arquitetura dos empreendimentos, que cada vez mais se modernizam e com o seu design destacam-se. O Holiday Inn é um exemplo desse momento.

Erguido nessa nova área que surge de lazer e negócios, o hotel chama atenção pela sua arquitetura imponente, equilibrada, moderna e revestimentos que valorizam ain-

da mais a construção. Em todos os ambientes, desde a chegada, onde se criou um amplo espaço para acomodar ônibus, táxi e carros de passeio, até os locais que não são de acesso aos hóspedes, o cuidado é o mesmo, tanto na arquitetura como na ambientação dos espaços. Para que fosse realizado um edifício que não deixasse nada a desejar, o empresário George Gosson contratou os profissionais mais experientes do mercado. O projeto arquitetônico bem estruturado leva a assinatura de dois nomes expressivos da arquitetura potiguar: Luciano Barros e Alexandre Abreu. A ambientação tem a assinatura do talento de Viviane Teles.



As salas dos centros de convenções são fantásticas, apartamentos confortáveis



Banheiro adaptado



Uma parte da área de lazer

O bom gosto segue no saguão de entrada. Anuncia que entraremos em algo de alto padrão. Lobby, recepção, ambientes de espera e estar, cartão de visita para quem chega, evidenciam essas características. Tudo foi devidamente estudado e colocado para o bem estar do hóspede e também para que ele se sinta em um local de luxo, confortável e bonito. Os materiais de revestimentos seguem um padrão de alto nível, o pé direito alto com um painel em madeira é um elemento interessante. Repe-

te-se em outros ambientes, dando ao hotel uma identidade visual.

Criado pela arquiteta Viviane Teles, o interior foi pensado para que o hóspede, ao entrar, tenha logo domínio de todo o espaço, fácil leitura dos ambientes, estão todas ali bem definidos, inclusive o restaurante. As acomodações são de três tipos de apartamento, todas com o mesmo conforto e praticidade.

A segurança vai além das exigências do Corpo de Bombeiros. Rigor que é determinação da

rede Holiday Inn. Itens que não são exigidos pelas normas foram acrescentados para maior segurança dos hóspedes e visitantes. Exemplo disso são os sprinkler, que pelas normas só são necessários nas áreas comuns, mas no Holiday Inn esse equipamento se encontra também dentro dos quartos, como também sensores de presença para ar-condicionado e luzes dos apartamentos.

Por seu um hotel voltado também para o turismo de eventos, é equipado com vários salões



Parte do Gran Restaurante



Academia de ginástica

onde no planejamento arquitetônico foi previsto com divisórias modernas e práticas que deslizam em trilhos, modificando o layout de acordo com a capacidade exigida. Paralelo a isso, um estacionamento no subsolo que atende a demanda. Outro item importantíssimo e fundamental para qualquer tipo de ambiente, principalmente em locais de grande público, é a acústica, que no caso funciona perfeitamente bem, totalmente projetado e estudado para que não tenha interferência do exterior para o in-

terior e também entre ambientes. As paredes projetadas para não passar nenhum ruído externo e janelas que seguem o mesmo princípio em todo empreendimento e, principalmente, nas acomodações. Foram usadas janelas acústicas, assim como também o teto, que recebeu o tratamento adequado. Em todos os aspectos o empreendimento atende as normas e exigências internacionais, e, localizado em um ponto estratégico, próximo ao Estádio Arena das Dunas, será referência na cidade.



## SABORES

O restaurante foi projetado para atender não apenas aos hóspedes. A intenção é oferecer mais uma excelente opção gastronômica para os natalenses. O espaço foi luxuosamente planejado por Viviane Teles, com conforto e espaço suficiente entre as mesas, para evitar o contato direto com as conversas alheias.

O cardápio é outro item que o empresário George Gosson pensou ideal para atender às expectativas dos hóspedes e dos potiguares. A consultoria está sob a batuta do estrelado chef Daniel Cavalcanti, do concorrido e elogiado Cascudo Bistrô. O hotel já está em funcionamento para agrandar de hospedagem a convenções, de lazer, inclusive para crianças, com uma área kids, à gastronomia. Muito bom para Natal.

# HOMENAGENS

Fotos: Ciro Pedroza

O 40º aniversário de de criação da Federação das Empresas de Transporte de Passageiros do Nordeste (Fetronor) foi comemorado em Natal com palestra do economista e ex-ministro Roberto Brandt e uma homenagem aos pioneiros, empresários e gestores que contribuíram para a construção do transporte público no Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas.

Presidente da Fetronor, Eudo Laranjeiras



Wilson Guimarães e Ana Paula Vanderlei



Alfredo Bezerra e Gibson Pereira (Pernambuco)



José Vieira, Eudo Laranjeiras, Amaro Sales, Luiz Antonio Lacerda



Amauri Alves de Azevedo e Carlos Roberto (Paraíba)



Antonio Carlos Knittel e Angela Knittel



Valéria de Castro Costa Barros e Anchieta Bernardino (Paraíba)



Recebendo o vice-governador do RN, Fábio Dantas



Magda Aleixo e José Faustino dos Santos Filho (Pernambuco)



Rosyelle e George Costa



Recebendo Roberto Brandt e José Vieira (FAERN)



Pioneiro Francisco Cabral e o deputado José Adécio (Rio Grande do Norte)



Valéria e Eudo Laranjeiras, Bárbara Renault (NTU)



Entregando comenda ao ex-prefeito de Natal Marcos Formiga



Marcos Antônio Vieira de Vasconcelos e esposa Marina Vasconcelos (Alagoas)

# Faça como nós, apoie o **SetembroCidadão**



[www.setembrocidadao.com.br](http://www.setembrocidadao.com.br)



# PARABÉNS

Fotos: Paulo Lima

No planalto central, a empresária paulista Kátia Kouzak celebrou seus 70 anos em alto estilo, cercada pelos filhos Valeska, Solon e Zenon e amigos, no Clube de Brasília, ao som da banda Caras e Bocas. Presença da fina flor da sociedade brasiliense e de outros estados.



A aniversariante com os filhos, noras e netos



Selma e Régiton de Menezes



Marilu e Raquel Ribeiro



Aurinete Leite, Ju Sulz e Irene Maia



David e Elaine Caldas



Sílvio, Izabel e Cristiane Breckenfeld com Maria Olinda Leite



Ministro Carlos Fernando e Maria Luiza Mathias



Henrique e Heloísa Hargreaves, procuradora Lenir e o desembargador Hélio Fonseca



Rita Márcia Machado, Cosete Gebрім e Wanzenir Wedler



Presidente da OAB-DF, Ibaneis Rocha, Caio Carvalho e Luzineide Ceiro

# BRINDES

Fotos: João Neto

Todo anestesista partidón, Paulo Monte celebrou seus bem vividos 5.0 com festão entre a família e os amigos, no Leonardo da Vinci.Noite de tilintares, boas risadas e muitos festejos.



Hora dos parabéns



Eliana Alencar e Flávio Marcílio



Mãe e filhos do aniversariante: Nevinha Monte com Júlia e Victor



Com os amigos Juliana Protásio e Lula Barreto



Marisa Almeida com Carol e a filha Bárbara



Andrezza Melo e Alexandre Dias



Noite ao bom rock Boca de Sino



Bento Herculano e a mãe Nevinha



Sovânia e Flávio Monte, Renato Teles, Priscila Gimenez, Hilneth Correia, Jota Oliveira



Licinha e Carlos Farache



Monique e Valério Sá



Entre Sérgio Teixeira e Renato Teles



Os mimos da namorada Milene Lira

# OCTÁVIO SANTIAGO

octaviosantiagoneto@hotmail.com



## TRAÇO TURÍSTICO

Senhor de um traço inconfundível, o arquiteto castelhano Santiago Calatrava é autor de apreciáveis pontos turísticos mundo afora e o Brasil está prestes a ganhar o seu.

### Complexo

Em Valência (Espanha), sua terra natal, o Complexo das Artes e das Ciências mistura concreto e água numa proposta futurista, para abrigar museus e um oceanário.



### Pote de ouro

Além de um banho de mar peculiar, a visita à Praia de Tourinhos, a 100 quilômetros de Natal, traz outra recompensa: o risoto de camarão com caju do restaurante A Tartuga. Sabor e paisagem em harmonia.



### Ponte

Na hermana Buenos Aires (Argentina), a Ponte de la Mujer sobre o rio da La Plata é o cartão postal mais expressivo do moderno bairro de Puerto Madero.



### Museu

Antes da chegada das Olimpíadas, o Rio de Janeiro vai abrir as portas do Museu do Amanhã, com projeções sobre o futuro na beira mar da baía de Guanabara.

### Coco na praia

Depois de a rede paraibana Nau desembarcar em Natal, com seu suntuoso restaurante no bairro de Capim Macio, agora é a cearense Coco Bambu que está de olho na capital potiguar. As lupas já foram lançadas sobre a Praia de Ponta Negra.



### Buonissimo!

Com um ambiente intimista e receitas tradicionais italianas, a Casa di Paolo fideliza cada vez mais clientes em Natal. A novidade da casa é a massa ao funghi com lascas de trufas negras, do chef que dá nome ao lugar.



### Decolou...

Apesar da maior alta do dólar dos últimos 12 anos, os pacotes das agências de Natal para o Black Friday nos Estados Unidos estão convidativos, com opções para Nova York, Orlando e Las Vegas.



### Aterrissou...

A comodidade do voo direto da Gol entre Natal e Buenos Aires (Argentina) não tem sido suficiente para convencer os potiguares por essa opção, já que os outros com conexão custam em média 30% a menos

# CHÍQUIMAS E CHEIROSAS

Fotos: Paulo Lima

Com delicioso almoço no Rio Bistrô, em Brasília, a chíquima Graça Cantanhede celebrou aniversário rodeada de seletto grupo de familiares e amigas. Mulheres elegantes e perfumadas deram o clima de confraternização e parabéns para Graça, considerada uma das mulheres mais querida e atuantes da capital federal



A aniversariante



Irene Borges, Aureliza Corrêa e Jane Godoy



Thamis Peres e Francesca Amaral



Tarcila Monteiro e Maria Helena Ibiapina



Leinha Soares, Maria Helena Gomide e Marinês Nogueira



Elaine Cãldas, Iara Castro e Marlene Bacelar



Iracema Torres e Elizabet Campos



Moema Leão e Márcia Lima



A potiguar Maria José Santana, Carla de Carli e Rita Márcia Machado



Oadiza Alves, Graci Franco, Rita Lins e Eliene Bastos

# OS HOLOFOTES

Fotos: Marina Malheiros

Em ocasião regada ao espumante “Scarpa”, que a vinícola Pericó, de São Joaquim (SC), produz com o brasão da quatrocentona família paulistana na embalagem, o conde Chiquinho Scarpa e Marlene abriram as portas da sua mansão, na Praça Nicolau Scarpa, Jardins, para o lançamento do livro “Fatos, Fotos e Versões de um Mosqueteiro Tropical”, de Eduardo Calfat-Salem (Carlinhos Salem), uma autobiografia do gentleman, com suas aventuras pelo mundo e pela sociedade brasileira, editado pela Versatille.



Conde Chiquinho Scarpa e condessa Marlene Nicolau



O livro **Fatos, Fotos e Versões de um Mosqueteiro Tropical**



Sebastião Almeida, Ribeiro, Roberto Suplicy, Luiz Oswaldo Pastore



Cantora Luss



Juliana e Alexandre Taleb



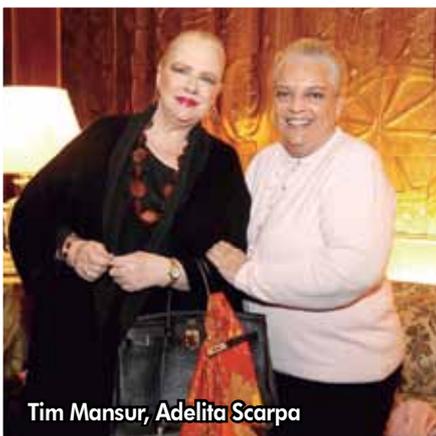
Filinto Moraes e Adriana Kroehne



Carlos Stevenson, Antonio Pentaedo Mendonça



Anca Gravis e Carlos Salem



Tim Mansur, Adelita Scarpa



Derrick Green, Charles Salem



Esther Angrisani, fundadora da Casa Hope



O espumante Scarpa



Nena Bueno, Helena Mottin, Neta Bueno



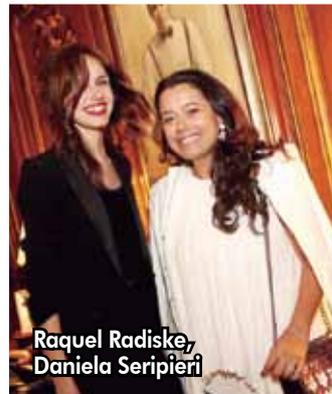
Eder Veneziani, Helena Mottin



Silvana Giangrande e Cesar Peduti



Karla Ricco



Raquel Radiske, Daniela Seripieri



Francisco Forbes e Claudia Figueiredo



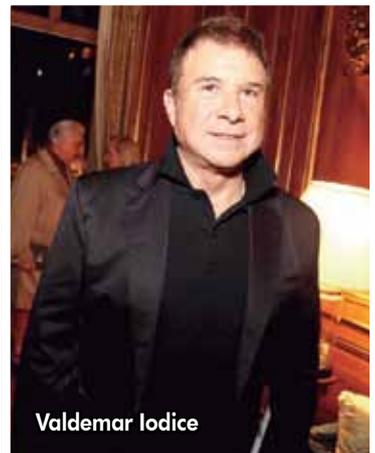
Rosi Verdi



Ricardo Caracas



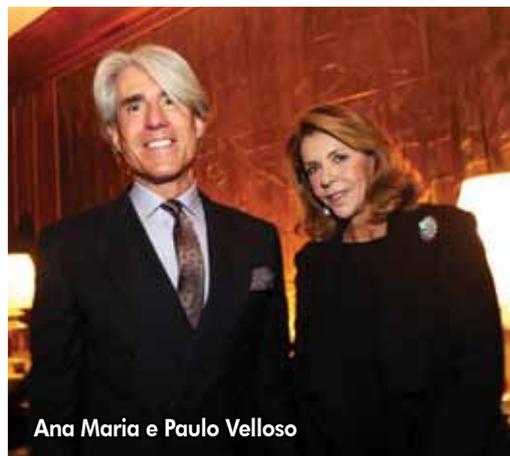
Renata Scarpa



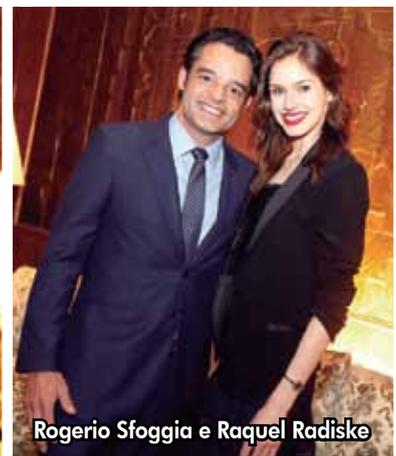
Valdemar Iodice



Adele e Reinaldo Kherlakian



Ana Maria e Paulo Velloso



Rogério Sfoggia e Raquel Radiske

# TÚNEL DO TEMPO

## FESTA DE IDEIAS

Quando o jornalista Chrystian de Saboya anuncia uma festa, logo surgem mil e uma expectativas em torno de super e charmosa produção que ele sempre organiza. Tanto que criou uma empresa chama Casa de Ideias, para produzir eventos cheios de ideias inusitadas e glamorosas. Uma delas aconteceu no dia 17 de agosto de 2004. Para celebrar aniversário e dois anos de coluna do extinto Diário de Natal, deu o mote: Grande Sertões: Veredas, obra icônica de João Guimarães Rosa. Transformou os salões do Olimpo Recepções. Inovou na cidade com festas temáticas. Convidados de Natal, Mossoró etc dançaram ao som do DJ Bruno Giovanni. O convite já avisava: “motivos de sobra pra querer grudar seu coração no meu. Venha amanhecer o dia comigo. Espero seu abraço”



Chrystian de Saboya e Keity com monsenhor Lucas



Ana maria, Ramzi e Jorge Elali



Marilene e Bernadino Meireles com Danuza D'Salles



Conceição e Nelson Solano



Tânia Salustino, Chrystian, Ronaldo Melo e Marília



Wilma de Faria



Nelson Varela e Renata Motta



Solange Lira, Vânia Gurgel e Luzi Bezzera



Teresa e Elmano Marques



Carlos Crescêncio e Cristina



Cirne Jr. e Luciana



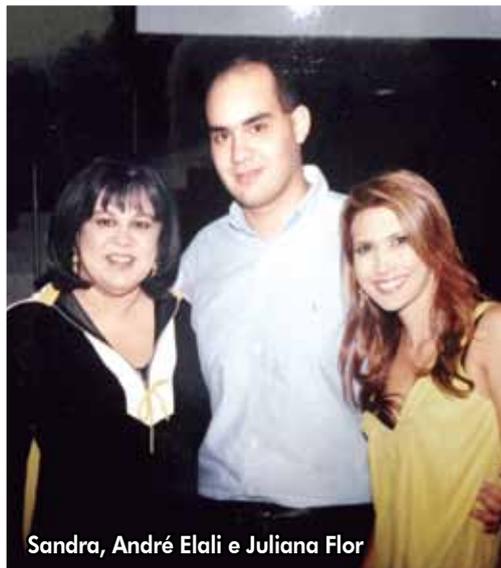
Elizabeth e Dorian Melo, Shirley e Edson Costa



Tânia Ventura, Gustavo e Fafá Rosado, Jerônimo Rosado



Alexandre Marinho e Márcia



Sandra, André Elali e Juliana Flor



Saudosas/Margarida Morgantini e Noilde Ramalho



Thales Rosado e Cristine



Denise e Arnaldo Gaspar



Marcantoni Gadelha, George Ramalho, Joanilson de Paula, Edson Matias



Múcio Sá, Aldanisa, Aldinha, Andréa Ramalho



Roberto Perez e Daliana, Aldir Araújo e Karla



Eliana Lima, Wilame Galvão



Carol Tito, Tinesa Emerenciano, Fabiana Meireles, Ana Carla Barbosa

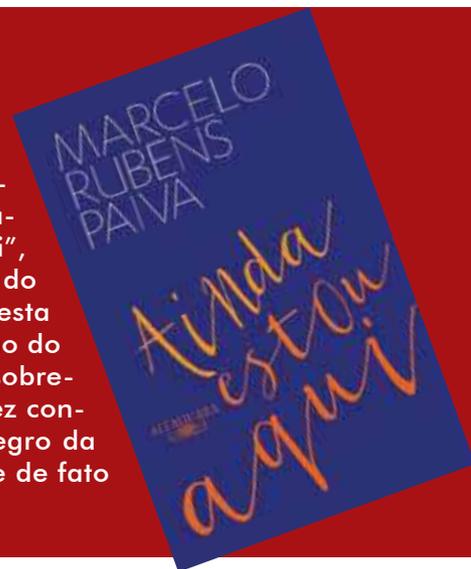
# ANDRÉA LUIZA TAVARES

andrea-luisa@hotmail.com



## AINDA ESTOU AQUI

Trinta e cinco anos depois de *Feliz ano velho*, em que relata o acidente que o deixou tetraplégico e o sumiço do seu pai durante a ditadura militar, o escritor Marcelo Rubens Paiva lança “*Ainda está aqui*”, seu mais novo relato autobiográfico. É uma espécie de continuação do best-seller dos anos 1980 do autor, ainda que bastante diferente. Desta vez, o ponto de partida é a própria infância, a história da elucidação do caso do pai, confirmada pela Comissão Nacional da Verdade, e, sobretudo, sua mãe, Eunice. Ao falar dela, e de sua última luta, desta vez contra o Alzheimer, Marcelo Rubens Paiva mergulha num momento negro da história recente brasileira para contar — e tentar entender — o que de fato ocorreu com Rubens Paiva, seu pai, naquele janeiro de 1971.



### Cinema na Praia

Depois do Fest Bossa&Jazz, a cidade de São Miguel do Gostoso vai respirar cinema. Ao ar livre, nas areias da Praia do Maceió. É a Mostra de Cinema de Gostoso, que acontece pelo terceiro ano consecutivo. Por um tela de 12 m de comprimento, população e visitantes terão chance de ver os mais recentes lançamentos cinematográficos brasileiros durante cinco dias, de 13 a 17 de novembro. Os melhores filmes da mostra são escolhidos através de votação popular e recebem o Prêmio Luís da Câmara Cascudo. Paralelos, serão realizados cursos de Formação Técnica e Audiovisual para 52 jovens do município e distritos. Ao final das oficinas, os concluintes produzirão quatro curtas-metragens, que serão exibidos durante a programação da mostra.

### Crítica, Oscar e Regina Casé

Uma grande realidade brasileira vira um drama denso e cheio de camadas que dissecam com humor e precisão arrepiante as diferenças de classe no filme “*Que Horas Ela Volta?*”. A estreia mundial no Festival de Sundance, em Utah (EUA), rendeu às atrizes Regina Casé e Camila Márdila a divisão do prêmio especial de melhor atriz. Países como França e Itália também se renderam ao drama da diretora paulistana Anna Muylaert, que está em cartaz em mais de 280 cinemas ao redor do mundo. A personagem central, interpretada por Regina Casé, é uma empregada que acha comum trabalhar quase em tempo integral para uma família rica, que depende dela para tudo. Os donos da casa, Bárbara e Carlos, sempre deixam claro que o lugar da doméstica é da porta da cozinha para dentro. A chegada da filha Jéssica (Camila Márdila) questiona a subserviência extrema da mãe, os padrões de vida e mexe completamente com a tradicional casa paulista. A produção já é a aposta brasileira ao Oscar.



## Cascudo para você

Dos maiores folcloristas do Brasil, o saudoso potiguar Luís da Câmara Cascudo vai ganhar uma exposição à altura de sua importância no Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo. Com o nome: “O Tempo e Eu (e vc)”, a mostra visa transformar os escritos e pesquisas de Cascudo numa experiência única e moderna, para aproximar o estudioso, vivo e atual, do grande público. Sua temporada acontece de 19 de outubro deste ano a 17 de fevereiro de 2016, sendo uma das mais extensas já realizadas no Centro Cultural localizado na Estação da Luz. Com uso de tecnologia e muita interatividade, a mostra trará experiências que valorizem essa diversidade registrada por Câmara Cascudo, os saberes, os sentires e suas práticas.



## Teatro potiguar

O teatro de rua mostra que a cultura em Natal está viva! O grupo potiguar Clowns de Shakespeare volta com a conceituada peça “Dois Amores Y Um Bicho”, do venezuelano Gustavo Ott. A viagem intercultural proposta, começa no dia 24 de setembro e cumpre temporada de três semanas no Barracão Clowns, até o dia 11 de março, sempre de quinta domingo. A trama é intensa, tensa e instável, assim como o período em que é situada, pós Segunda Guerra Mundial. É a chance de ver o casal Titina Medeiros e César Ferrário atuando em uma encenação densa e cortante, com elementos sombrios e interpretações que transitam entre o dramático e o épico.



### “Paul, vem falar Oxente”

O eterno garoto de Liverpool, Paul McCartney pode vir abalar as estruturas brasileiras mais uma vez, em 2016. Em entrevista ao jornal A Tarde, o produtor João Carlos Diógenes Parente, da Arte Produções, deu pistas de que Paul McCartney pode realizar uma apresentação em Salvador (BA), na Arena Fonte Nova. Aos 73 anos, a performance do ex-Beatle no palco é única. Canta toca baixo, guitarra, piano e órgão, brinca com o público e intervém sempre em idioma local, uma de suas marcas registradas. É certo que o astro britânico se apaixonou pelo público brasileiro, afinal, já pisou no palco 20 vezes por aqui. Mas será que dessa vez o Sir se aventura em solo potiguar?

## 70 anos da 2ª Guerra

No final dos anos 1930, mais precisamente em 1939, o mundo entrava em colapso. A Europa era palco de um conflito que se arrastaria por seis anos, envolvendo diretamente quase 40 países e deixando aproximadamente 70 milhões de pessoas mortas – seis milhões só de judeus. Diante desses fatos, é inegável que a Segunda Guerra Mundial foi um marco na história da humanidade. Completados 70 anos do fim da guerra, a memória do maior conflito da humanidade permanece viva através de livros que não nos deixam esquecer uma das piores épocas da humanidade.

### Olga, de Fernando Moraes:

Nesta biografia de largo fôlego, o premiado jornalista Fernando Moraes, autor, entre outros, de A Ilha e Chatô, o rei do Brasil, conta a vida de Olga Benário, a judia comunista entregue a Hitler pelo governo Vargas.



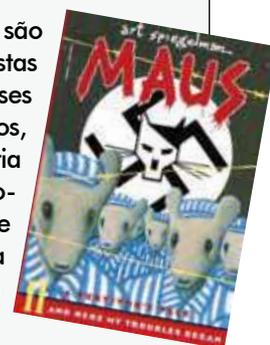
### Éramos Jovens na Guerra, Sarah Wallis e Svetlana Palmer

O livro reúne cartas e diários de 16 adolescentes que viveram a Segunda Guerra Mundial, às vezes de lados opostos do conflito, que escrevem de forma direta e persuasiva sobre suas reações e pontos de vista. A intensidade dos relatos presentes neste livro reflete a dor pela perda, o temor de ocupações, invasões e bombardeios, além do receio daqueles que tiveram seu futuro posto em xeque.

A intensidade dos relatos presentes neste livro reflete a dor pela perda, o temor de ocupações, invasões e bombardeios, além do receio daqueles que tiveram seu futuro posto em xeque.

### Maus, Art Spiegelman

Judeus são desenhados como ratos e os nazistas ganham feições de gatos; poloneses não judeus são porcos e americanos, cachorros. Assim é contada a história de Vladek Spiegelman, judeu polonês que sobreviveu ao campo de concentração de Auschwitz, narrada por ele próprio ao filho Art. O livro é considerado um clássico contemporâneo das histórias em quadrinhos, e ganhou o prestigioso Prêmio Pulitzer de literatura.





# FOIE GRAS E IRRACIONALIDADE

Os gregos antigos ficaram conhecidos como os pioneiros da filosofia; os romanos pelo seu corpo de leis; os medievais pelo seu cristianismo autêntico, que inspirou a filosofia escolástica e a arte gótica. Os séculos futuros poderão classificar nossa época como a da irracionalidade total.

A cada dia se nos impõe uma nova insensatez. Seja nas modas, no plano intelectual, nos costumes, nas leis que vão sendo aprovadas.

Evidências de furar os olhos e sobre as quais se assentaram durante milênios todas as civilizações, mesmo as mais diferentes e até opostas, são agora alegremente (ou imbecilmente) contestadas, apesar de decorrerem da própria natureza das coisas

Não, caro leitor, não vamos falar aqui da teoria de gênero. Poderíamos nos referir a ela, mas não é o nosso tema de hoje.

Vamos tratar de um assunto culinário, pois até lá chega a irracionalidade. Trata-se da proibição do foie gras (fígado gordo), uma iguaria muito apreciada.

O que é o foie gras? É um patê gorduroso feito com o fígado dilatado de patos, gansos ou marrecos. Essa dilatação pode ser o resultado orgânico de uma ave que se alimentou a seu bel-prazer e engordou muito, como pode também ser induzida, fazendo com que as aves sejam submetidas a uma vida confinada com alimentação forçada.

Quem não gosta de uma camada de foie gras no pão, seja no café da manhã ou como antepasto? Seria um erro achar que é uma iguaria apenas dos ricos. Quantos camponeses por esse mundo afora, e não só na França, criadores de aves, se beneficiam de vez em quando do foie gras extraído de um de seus animais mais gordos!

Pois bem, agora a Prefeitura Municipal de São Paulo aprovou uma lei proibindo o consumo de foie gras! Ele decorreria de uma crueldade para com as aves!

Poder-se-ia argumentar que alguns métodos de alimentação de animais são tão artificiais que, pelo que têm de exagerado, atentam contra a própria racionalidade humana. A admitir-se essa possibilidade, seria o caso então de proibir esses métodos, mas não de proibir toda e qualquer comercialização do foie gras.

Não vamos nos deter no aspecto legal, pois uma lei desse tipo só teria sentido se promulgada no âmbito federal. É ridículo obrigar o paulistano a deslocar-se até um município vizinho, como Guarulhos ou São Caetano, por exemplo, para servir-se de foie gras.

Segundo historiadores, os primeiros foie grasdatariam de três mil anos antes de Cristo e teriam sido detectados pelos egípcios em gansos selvagens, imigrados às margens do rio Nilo. Os egípcios concluíram que algumas espécies de aves migratórias poderiam se superalimentar naturalmente, para conseguir sobreviver durante o inverno, ou para enfrentar longos trajetos migratórios. Eles começaram então a desenvolver a prática da engorda dos gansos, de maneira a obter o foie gras.

O foie gras também é citado na época romana. Horácio descreve um magnífico banquete, no qual o fígado de um ganso branco engordado com figos estaria no menu.

O chefe de cozinha Gabriel Matteuzzi, formado na Escola Hofmann, em Barcelona, explica que a engorda ou confinamento de animais não se aplica apenas aos patos e gansos, mas também aos bovinos, galinhas e perus, para que deem mais carne. “Vamos proibir tudo isso? Vamos proibir a pesca de arrastão, porque prejudica nossa fauna marinha? [...] Essa lei abrirá precedente para futuras leis? Ou simplesmente estamos perdendo nosso poder de livre-arbítrio?” questiona ele. (“Folha de S. Paulo”, 23-5-15)

A proibição do foie gras é mais um exemplo da influência deletéria exercida por certa corrente ecologista radical que nega o preceito bíblico de que os animais devem estar submetidos ao homem e servi-lo. Para essa corrente, haveria uma igualdade de direitos entre homens e animais, o que é frontalmente contrário à ordem da Criação e ofende o Criador.

Relata a Sagrada Escritura: “Então Deus disse: ‘Façamos o homem à nossa imagem e semelhança. Que ele reine sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos e sobre toda a terra, e sobre todos os répteis que se arrastem sobre a terra’” (Gen. 1,26).

# TRÂNSITO

MARCA

Para haver  
respeito, não pode  
haver diferença.



O trânsito faz parte da vida de todos.  
Carros, motos, caminhões, bicicletas e pedestres.  
Todos têm direitos e deveres.  
Não estacionar na calçada ou em fila dupla, não  
fechar cruzamentos, respeitar a faixa de pedestres  
e as vagas exclusivas, são pequenas atitudes que  
melhoram a vida de todos.  
Com respeito, a vida flui melhor.

**Seja cidadão!**



Câmara Municipal de Natal  
A CASA DO POVO. A SUA CASA.  
[cmnat.rn.gov.br](http://cmnat.rn.gov.br)

# 1º LUGAR EM RECONHECIMENTO

**COLABORAR COM MELHORIAS  
PARA A SOCIEDADE É NOSSO  
MAIOR PRÊMIO.**



Os benefícios do trabalho realizado pelo Sistema FIERN e suas casas – FIERN, SESI, SENAI e IEL – em busca de um Rio Grande do Norte mais participativo expandem-se além do “chão de fábrica”. Patrocinadas por recursos financeiros do setor produtivo, essas ações vêm trazendo resultados positivos na promoção da educação e da formação profissional, indispensáveis ao desenvolvimento econômico e social do estado e do país. Empenho que enche de orgulho a classe industrial: a FIERN foi novamente em 2014 a entidade patronal da qual mais se ouviu falar pelo trabalho desenvolvido no RN, com 44% de reconhecimento\* de acordo com o Instituto Certus, melhorando inclusive o desempenho em relação à pesquisa anterior\*\*. O povo potiguar aprova o trabalho do Sistema FIERN.



## AÇÕES DO SISTEMA FIERN



Mais RN



CTGAS-ER



Assistência  
Empresarial



Câmara de Mediação  
e Conciliação